

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

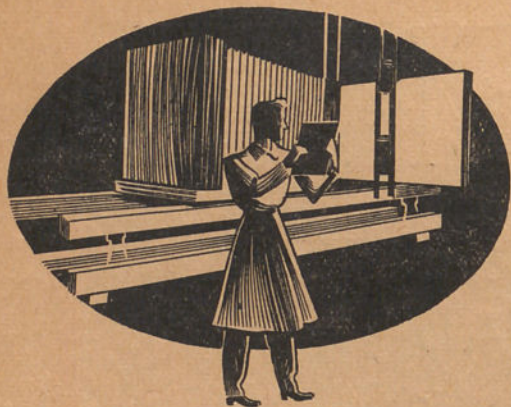
N.º 149

VOLUME XXXIX

SETEMBRO, 1950



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.^{DA} — LISBOA



A fotografia é a base...

de toda a gravura. Material moderno, fotógrafos especializados neste género de trabalho são condições primárias para a obtenção de bons clichés. A melhor aparelhagem fotográfica e uma equipa de fotógrafos com longa prática, mantém há muitos anos a categoria de primeiros fotografadores do país a

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

C. P.

**TRANSPORTE DE MOBÍLIAS
PELO CAMINHO DE FERRO**

A mobília sem acondicionamento, transportada em regime de vagon completo, deixou de estar sujeita ao recargo de 50 %, passando portanto a transportar-se pelo mesmo baixo preço da mobília acondicionada.

PEÇA INFORMAÇÕES



SELOS

da

Cruz Vermelha Portuguesa

Aplique sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos
Jardim 9 de Abril — Lisboa

A

COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por
Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado

1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses

Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$000; edição especial — 250\$000. Enc. 280\$000 e 400\$000.
Volume II, a concluir, os mesmos preços.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes
Edição da 'Revista de Portugal' — LISBOA — PORTUGAL

OCIDENTE

VOLUME XXXIX

CIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
I NO DIA 1 DE CADA MES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALTRE, 155, 1.º — LISBOA

/ VOLUME XXXIX / SETEMBRO DE 1950

- Pág. 97/100. *C. M.* — ('O Hissope', por António Dinis da Cruz e Silva, com anotações de José Pereira Tavares) — Pág. 145.
- Pág. 101/103. *PELA SEARA ALHEIA* — «Guerra Junqueiro», por MANUEL LARANJEIRA (Da 'Ilustração Transmontana' — 1.º volume — 1908) — Pág. 146/149.
- e verdade em 105/114. *Fins de página de GUERRA JUNQUEIRO* — Pág. 114 e 149.
- Pensamentos à Pág. 112-B. *ÁLVARO PINTO* — «Notas e Comentários» — Pág. 150/152.
- «A verdadei-Junqueiro» —

ILUSTRAÇÕES

- Sob a Invo-
na da história
e história» —
- *Guerra Junqueiro por ANTÓNIO CARNEIRO*
— Pág. 112/A.
- *Dois fac-símiles de Versos da Pátria, de Guerra Junqueiro* — Pág. 128/A e 128/B.

SUPLEMENTOS

- *RUI GALVÃO DE CARVALHO* — «Antero Vivo» — Continuação — Pág. 121/136.
- *VENTURA LEDESMA ABRANTES* — «O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Continuação — Página 65/80.

NÚMERO AVULSO

Ano	180\$00	Portugal	17\$50
>	190\$00	Colónias portug. e Espanha	18\$00
>	180 cr.	Brasil	17,5 cr.
>	\$ 10.00	Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90
especiais		Números atrasados (1/108) — 15\$00	

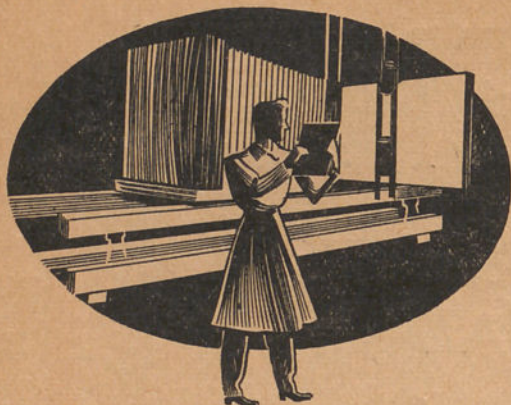
PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

EDITOR — ÁLVARO PINTO

N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS





A fotografia é a base...

de toda a gravura. Material moderno, fotógrafos especializados neste género de trabalho são condições primárias para a obtenção de bons clichés. A melhor aparelhagem fotográfica e uma equipa de fotógrafos com longa prática, mantém há muitos anos a categoria de primeiros fotogравadores do país a

BERTRAND (IRMÃOS), L.ª DA

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-3 2574 - LISBOA

C. P.

**TRANSPORTE DE MOBÍLIAS
PELO CAMINHO DE FERRO**

A mobília sem acondicionamento, transportada em regime de vagão completo, deixou de estar sujeita ao recargo de 50 %, passando portanto a transportar-se pelo mesmo baixo preço da mobília acondicionada.

PEÇA INFORMAÇÕES

[

S

Cruz V

Aplique se
dência um
Portuguesa
br

Os selos ve
Vermelha —
Jardim

A

CC

PROI

DA

D E

QUE

NA

EN

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ALVARO PINTO
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALITRE, 155, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 149 / VOLUME XXXIX / SETEMBRO DE 1950

- «Em Prol da Cultura» — IX — Pág. 97/100.
- PEDRO BATALHA REIS — «Medalha holandesa dedicada ao Doutor Oliveira Salazar e desconhecida em Portugal» — Pág. 101/103.
- CAMPOS DE FIGUEIREDO — «Soneto inglês» — Pág. 104.
- JOSÉ MARINHO — «Poesia e verdade em «Guerra Junqueiro»» — Pág. 105/114.
- GUERRA JUNQUEIRO — «Pensamentos à Margem duma Filosofia» — Pág. 112-B.
- JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — «A verdadeira grandeza do Poeta Guerra Junqueiro» — I e II — Pág. 115/128.
- RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clio — Uma esquina da história literária — Vinho, literatura e história» — Pág. 129/133.
- DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Reabilitação da Escultura — Aceitação do inexplicável» — Pág. 134/139.
- C. M. — («O Hissope», por António Dinis da Cruz e Silva, com anotações de José Pereira Tavares) — Pág. 145.
- PELA SEARA ALHEIA — «Guerra Junqueiro», por MANUEL LARANJEIRA (Da «Ilustração Transmontana» — 1.º volume — 1908) — Pág. 146/149.
- Fins de página de GUERRA JUNQUEIRO — Pág. 114 e 149.
- ALVARO PINTO — «Notas e Comentários» — Pág. 150/152.

ILUSTRAÇÕES

- Guerra Junqueiro por ANTÓNIO CARNEIRO — Pág. 112/A.
- Dois facsímiles de Versos da Pátria, de Guerra Junqueiro — Pág. 128/A e 128/B.

SUPLEMENTOS

- RUI GALVÃO DE CARVALHO — «Antero Vivo» — Continuação — Pág. 121/136.
- VENTURA LEDESMA ABRANTES — «O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Continuação — Página 65/80.

BIBLIOGRAFIA

- JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — Livros Portugueses — XIV — («Além da Noite», de António Quadros e «Luz do Fim», de Leonor de Almeida) — Pág. 140/145.

ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S.	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMERO AVULSO

Portugal	17\$50
Colónias portug. e Espanha	18\$00
Brasil	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 87 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ALVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa ● Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto
Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola	9.550	18.250	Moçamedes	9.120	12.990
Nyassa	9.130	17.442	Rovuma	9.120	12.990
Quanza	6.230	11.550	S. Tomé	9.050	12.550
Índia	7.000	11.400	Nacala	3.370	5.130
Timor	7.000	11.400	Tagus	1.630	2.320
Chinde	1.475	2.700	Angoche	1.240	1.950
Luabo	1.805	3.030	Em construção :		
Zambézia	1.857	3.538	Save		
Lúrio	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

Introdução ao Estudo da FILOGIA PORTUGUESA

por

Manuel de Paiva Boléo

PROFESSOR DE FILOGIA PORTUGUESA NA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 160 págs. — 20\$00

EDIÇÃO DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

LIÇÕES DE FILOGIA

Seguidas das

Lições Práticas de Por-
tuguês Arcaico

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 430 páginas — 80\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0511

FROTA

n/m «África Ocidental»	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo»	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça»	9.437 >	n/m «Colares»	1.376 >
n/v «Alcoutim»	10.526 >	n/m «Conceição Maria»	2.974 >
n/E «Alfredo da Silva»	5.500 >	n/m «Coruche»	1.376 >
n/m «Alexandre Silva»	2.974 >	n/v «Costeiro»	900 >
n/m «Alemquer»	9.437 >	n/v «Costeiro Segundo»	490 >
n/v «Alferrarede»	2.118 >	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426 >
n/m «Almeirim»	9.437 >	n/m «Covilhã»	1.376 >
n/v «Amarante»	12.595 >	n/v «Cunene»	9.800 >
n/m «Amarizete»	9.100 >	n/v «Foca»	2.018 >
n/m «Ana Mafalda»	5.500 >	n/v «Inhambane»	9.619 >
n/m «Andulo»	9.100 >	n/v «Luso»	10.125 >
n/m «António Carlos»	2.974 >	n/v «Maria Amélia»	3.005 >
n/m «Arraiolos»	9.437 >	n/v «Mello»	6.253 >
n/m «Belas»	7.100 >	n/v «Mirandella»	7.000 >
n/m «Borba»	7.145 >	n/m «São Macário»	1.221 >
n/m «Braga»	7.110 >	n/v «Saudades»	6.430 >
n/m «Bragança»	7.110 >	n/v «Zé Manel»	1.220 >

TOTAL: 186.415 TONELADAS

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»

Lanchas a motor — «Garota», «Bilhão», «Obidos», «Maquela», «Carochas»

34 Batelões (19 de 500 ton. 13 de 400 ton. e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.) e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 35 passageiros e carga, cada um; 2 Rebocadores de 1.200 ton, cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de Africa — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina — Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

O HISSOPE

Poema herói-cómico em
8 cantos

Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do Professor José Pereira Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA

GONZAGA
E A JUSTIÇA

Confrontação de Baltazar
Gracián e Tomás António
Gonzaga

Um argumento novo sobre a autoria
das 'Cartas Chilenas'

por

João de Castro Osório

1 volume de 80 páginas — 15\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & C.º LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, Lda.

m/v HIGHLAND MONARCH	10 SET.º	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	15 SET.º	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes, carga geral e de frigorífico	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND PRINCESS	20 SET.º	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	29 SET.º	VIGO, CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e carga geral	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4

GRAHAM'S PORT

À venda nos melhores Hotéis, Bars
e Restaurantes do País

DISTRIBUIDORES

CASCAES — *Estabs. J. Paulino d'Almeida, Lda.*

COIMBRA — *M. Alves Sereno*

FIGUEIRA DA FOZ — *Agência Central de Representações*

LISBOA — *José Luís Simões*

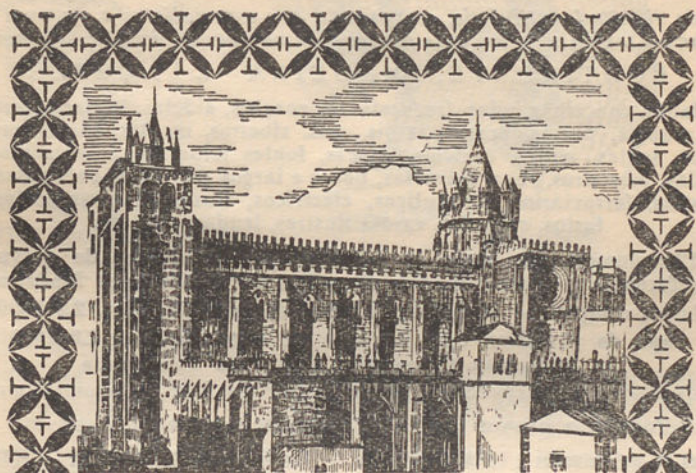
PORTO — *Daniel Lapa*

AGENTES

Guilherme Graham Jr. & C.ª

LISBOA

PORTO



Desde as grandes catedrais
às mais modestas igrejas
as pratas artisticas estão sempre
presentes.

VISITE AS OURIVESARIAS

DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

*Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a Livraria
Civilização tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o*

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telégrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopéias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição
Crítica das Obras de Gil Vicente

NOTAS I a V

incluindo a Introdução à
edição facsimilada do
Centro de Estudos Históricos
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22
facsimiles e extensos índices 150\$00
Edição especial numerada de
1 a 100 180\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

Novidades literárias

HERBERT PALHANO

*A Expressão léxico-gramati-
cal do 'Leal Conselheiro'*

2.ª edição

Com prefácio de João Leda
1 volume de 184 páginas e o retrato
de D. Duarte — 20\$00

RUI GALVÃO DE CARVALHO

Antero de Quental e a Mulher

1 vol. de 60 págs. e 4 ilustrações — 15\$00

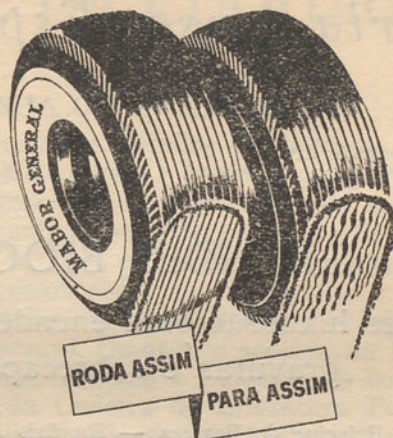
FERNANDA DE CASTRO

SORTE

*Romance premiado no concurso
das Casas do Povo*

Capa de Inês Guerreiro
1 vol. de 232 pág. — 20\$00

Edições da Revista 'Ocidente'



O PNEU QUE POSSUI
GRANDE PODER DE
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-
VIDO À CONCEPÇÃO
ESPECIAL DA SUA
SUPERFÍCIE DE RO-
DAGEM

SQUEEGEE

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

Frota da Companhia em serviço e em construção

Paquetes:	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	Navios de carga:	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.)	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.)	12.303	9.347
«Império» (n. t.)	19.173	10.943	«Lugela» (n. t.)	12.250	8.340
«Mouzinho»	14.150	8.200	«Pungue»	8.750	6.356
«Colonial»	14.120	8.136	«Lobito»	5.970	4.278
«Serpa Pinto»	13.020	5.412	«Pebane»	4.105	2.797
«Guiné»	6.130	3.250	«Quionga»	4.105	2.770
<i>Navios de carga:</i>			«Lunda»	4.105	2.778
«Luanda» (n. m.)	13.790	9.820	«Chaimite»	3.200	2.000
«Ganda» (n. m.)	13.114	9.419	«Nampula»	3.200	2.000
«Amboim» (n. m.)	13.114	9.419	«Búzi»	3.080	2.062
			«Sena»	2.458	1.700

Rebocadores: «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; Mafra, (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticos», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Rua da Sofia, 78-1.º

Telefone 24076 — Porto

Telef. 2799—Coimbra

GRANDES BIOGRAFIAS

Volumes luxuosamente encadernados em tela com gravuras e sobrecapas a cores

ADALBERTO, Príncipe de Baviera — <i>Eugénio Beauharnais</i> , bastardo de Napoleão	75\$00
BELLOC, Hilaire — <i>Maria Antonieta</i>	50\$00
BRINTON, Crane — <i>As Vidas de Talleyrand</i>	40\$00
BUCHAN, John — <i>Augusto</i>	75\$00
CURIE, Eva — <i>A vida heróica de Maria Curie</i>	110\$00
CHESTERTON, Gilbert K. — <i>Autobiografia</i> (2.ª ed.)	60\$00
EINSTEIN, Alfredo — <i>Mozart</i>	80\$00
FÜLOP-MILLER, René — <i>Santos que comoveram o Mundo</i>	75\$00
HOLSAPPLE, Lloyd B. — <i>Constantino, o Grande</i>	70\$00
LOJENDIO, Luís Maria de. — <i>Gonçalo de Córdova</i> — O Grande Capitão — <i>Savonarola</i>	100\$00
LOON, H. W. Van — <i>Rembrandt</i>	65\$00
LLANOS Y TORRIGLIA, F. de — <i>Maria I de Inglaterra</i> — A Sanguinária — Rainha de Espanha	125\$00
MARAÑON, Gregorio — <i>Tibério</i> . — História de um ressentimento (4.ª ed.) — <i>António Perez</i> . — Dois volumes	150\$00 275\$00
MARCU, Valeriu — <i>Maquiavel</i> . — A escola do poder	35\$00
MAURA, Duque de — <i>Vida e reinado de Carlos II</i> . Três volumes	225\$00
— <i>O Príncipe que morreu de amor</i>	75\$00
MAUROIS, André — <i>Memórias</i> (2.ª ed.)	45\$00
MERRIMAN, R. B. — <i>Carlos V. O Imperador e o Império espanhol</i> no Velho e Novo Mundo (4.ª ed.)	45\$00
— <i>Solimão o Magnífico</i>	45\$00
MICHIELI, Augusto Adriano — <i>O Duque dos Abruzzos e seus feitos</i>	90\$00
MUÑOZ DE SAN PEDRO, Miguel — <i>Diogo Garcia de Paredes. Hércules e Sansão de Espanha</i>	125\$00
QUEIROZ VELLOSO, J. M. de — <i>D. Sebastião</i>	75\$00
ROMIEU, Emilie y Georges — <i>A vida das irmãs Brontë</i>	55\$00
SEMENTOWSKI-KURILO, Nicolai — <i>Alexandre I. Eufonia e recolhimento de uma alma</i>	55\$00
SILIO CORTES, César — <i>Isabel a Católica. Fundadora de Espanha</i>	100\$00
TASSONI ESTENSE, Alexandre — <i>Eugénio de Saboia</i>	50\$00
THIEL, Rudolf — <i>Contra a morte e o demónio</i> — Da vida dos grandes médicos	75\$00
WALSH, W. T. — <i>Filipe II</i> (2.ª ed.)	150\$00
— <i>Santa Teresa de Ávila</i>	60\$00
— <i>Personagens da Inquisição</i>	150\$00
WELLS, H. G. — <i>Tentativa de autobiografia</i>	60\$00
XAVIER, Adro — <i>O Duque de Gandia. O nobre Santo do Primeiro Império</i>	65\$00
XIMENES DE SANDOVAL, Filipe — <i>António Alcalá Saliano. O homem que não chegou</i>	190\$00

EM PROL DA CULTURA

IX

A organização do Círculo de Estudos Portugueses, anexo à gloriosa Universidade da Baía, merece o respeito e louvor de quantos se interessam pelo progresso da Cultura. Devemos ao ilustrado Professor Hélio Simões o conhecimento do programa do novo Instituto Cultural e queremos torná-lo conhecido dos leitores desta revista para que bem possam enaltecê-lo.

1) — O Círculo de Estudos Portugueses é uma organização de carácter exclusivamente cultural, fundada e sediada na Faculdade de Filosofia da Universidade da Baía e funcionando como órgão de extensão universitária da Cadeira de Literatura Portuguesa.

2) — Congrega o Círculo de Estudos Portugueses todos os interessados no estudo e na divulgação dos problemas de Cultura e Civilização portuguesa e destina-se, primordialmente, a provocar e favorecer o intercâmbio espiritual luso-brasileiro, organizar conferências e cursos monográficos e fornecer, sempre que possível, a quem quer que o solicite, informações bibliográficas, iconográficas, estatísticas, etc., referentes ao mundo português.

3) — A direcção das actividades culturais-universitárias do Círculo caberá sempre ao Catedrático de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia da Universidade da Baía que, na qualidade de Presidente Executivo, organizará e dirigirá os trabalhos de acordo com uma Directoria eleita trienalmente da qual serão presidentes de honra natos o Reitor da Universidade, o Director da Faculdade de Filosofia e o Cônsul de Portugal.

§ — A Directoria do Círculo será composta, além dos 3 Presidentes de honra e do Presidente executivo, de um Presidente, dois Vice-Presidentes, um Secretário Geral, um Secretário do Arquivo, um Secretário da Biblioteca e três Conselheiros de Cultura.

4) — O Círculo de Estudos Portugueses não recebe dos seus associados qualquer contribuição fixa e periódica, em dinheiro, podendo todavia aceitar donativos voluntários e extraordinários para fins especificamente determinados pelo doador, no âmbito das suas finalidades.

§ 1.º — Serão considerados associados do Círculo de Estudos Portugueses todos aqueles que voluntariamente inscrevam o seu nome em livro reservado para este fim.

§ 2.º — Será concedido o título de Associado de Honra do Círculo de Estudos Portugueses, por deliberação sempre unânime da Directoria e proposta de qualquer dos Directores, a personalidades ilustres residentes noutros Estados, em Portugal ou no Estrangeiro, que de qualquer modo tenham contribuído eficientemente para a aproximação espiritual luso-brasileira ou para o engrandecimento ou divulgação da Cultura lusíada.

5) — Para consecução dos fins a que se destina, procurará o Círculo de Estudos Portugueses reunir o melhor e mais vasto ma-

terial possível de informação do Pórtugal Continental, Insular e Ultramarino, sobre todos os aspectos da Terra, do Homem, da Vida, da Cultura e da Civilização, no Presente como no Passado, organizando e mantendo à disposição de quaisquer interessados uma biblioteca especializada de assuntos portugueses.

6) — A Biblioteca do Círculo incorporada embora na Biblioteca Geral da Faculdade de Filosofia, ficará arrumada em estantes especiais, próprias, marcados todos os livros e publicações de que se componha com um carimbo particular.

7) — Além dos trabalhos ocasionais de comemorações, conferências, cursos, etc., reunirá o Círculo seminários quinzenais sob a orientação do Presidente Executivo para debates, comentários e esclarecimento de temas portugueses.

8) — A Directoria do Círculo de Estudos Portugueses reunir-se-á obrigatoriamente no início de cada ano social para tomar conhecimento das actividades do ano anterior e programar, de modo geral, para o que se inicia, podendo contudo ser convocada extraordinariamente pelo Presidente Executivo quando lhe pareça imprescindível.

§ — O ano social do Círculo corresponderá ao ano escolar da Universidade da Baía.

9) — Na ausência ou impedimento do Presidente Executivo caberá a condução temporária das actividades do Círculo ao Secretário Geral.

10) — No caso de dissolução do Círculo de Estudos Portugueses passarão os seus pertences à posse da Faculdade de Filosofia da Universidade da Baía.

Eis uma iniciativa que vale mil vezes mais que essas famosas mensagens, delirantes saudações e pernósticas falinhas na rádio, que todos os dias agitam e perturbam o bom entendimento entre as camadas cultas dos dois Países.

A grande realidade está nas raízes indestrutíveis da Raça comum e essa só podem apreciá-la na devida conta as investigações culturais, o estudo sério e desapaixonado dos documentos e a serena e ponderada compreensão dos homens.

A personalidade duma Nação realiza-se, evidentemente, pelo que ela produz de original e próprio e ainda pela forma como sabe recolher da Cultura universal aquilo que melhor quadre ao seu espírito, ao seu carácter e à estrutura social. E quer na Literatura ou na Arte, quer na Ciência ou na Filosofia, só contribuem para aumentar o património espiritual da Nação e dignificar, portanto, a sua Cultura aqueles que, sem desconhecem ou menosprezarem os valores dos outros Povos, sabem exaltar na justa medida os valores nacionais. Isto escrevemos para protestar, mais uma vez, e tantas quantas necessárias, contra a orientação do Professor que na Emissora Nacional continua a exhibir na rubrica — «O Compositor da Semana» — apenas Autores estrangeiros. Começámos a

contar em Dezembro de 1949 e já vamos em 40 Autores estrangeiros E NEM UM SÓ PORTUGUÊS. O propósito está a atingir a classificação de desaforo, com a agravante de já haver repetições. A Cultura nacional exige da Emissora e do Professor em questão que tenham mais respeito pelos muitos milhares de radiouvintes que prezam a dignidade da Música portuguesa e pelos objectivos que competem a uma Radiodifusora do Estado português.

Pedro Calmon foi empossado no alto cargo de Ministro da Educação e Saúde do Brasil. A este propósito, escrevemos na nossa Carta semanal para o *'Diário de Notícias'*, do Rio de Janeiro, as seguintes palavras:

«Não felicito o Orador insigne e professor consagrado por mera formalidade ou banal cortesia. Dirijo-lhe estas palavras de absoluta sinceridade, porque sei quanto ao seu temperamento altamente combativo e profundamente patriótico deve agradar o novo ensejo de ser útil à sua Pátria e generoso para com o País irmão.

Por outro lado, é com verdadeiro alvoroço que quantos se batem há muitos anos pela Unidade linguística e pelo Acordo ortográfico vêem agora à frente do Departamento educativo do Estado Brasileiro o hábil, prudente e culto Embaixador que presidiu à Delegação enviada a Portugal para discutir e promover a Uniformização da grafia.

Pedro Calmon foi nessa Convenção interacadémica um modelo inexcusável de cordura e diplomacia. Em mais de 50 sessões, deveras agitadas, a sua distinta perspicácia nunca se deixou guiar por antipáticos parcialismos ou ímpetos autoritários. Eram ardorosos os dois Técnicos das duas Delegações — os Drs. Rebelo Gonçalves e Sá Nunes. As opiniões divergiam frequentemente e pareciam irreduzíveis algumas vezes. Pedro Calmon assistia, ponderava, intervinha amigavelmente. Se a pugna se decidia a contento de todos, a discussão passava a outro ponto e tudo corria na melhor das harmonias. Se continuavam as arestas, dúvidas ou intransigências, a sessão era interrompida, para prosseguir no dia seguinte, até todos estarem do mesmo parecer.

E foi assim que se chegou ao Acordo unânime, não havendo uma única base das que se estabeleceram para a organização do Vocabulário comum que não fosse fechada e selada com a mais rigorosa unanimidade.

Não são vulgares as Conferências internacionais em que se chega de tal modo a uma solução única. Mas o assunto, pelo seu melindre excepcional e pela delicadeza com que tinha de ser resolvido, exigia essa unidade de vistas, sem qualquer discrepância. Acertaram-se as Bases, organizou-se e publicou-se o Vocabulário por elas preconizado, mas... cinco anos são passados e ainda o Acordo produzido por essa Conferência interacadémica não foi ratificado pelo Brasil, embora em Portugal esteja em vigor desde que se cumpriram as formalidades a ele referentes.

Pedro Calmon tem acompanhado todas as diligências com o disvelo devido a um trabalho ajudado a criar por suas mãos, mas razões inesperadas, motivos imprevistos não permitiram ainda a ratificação do Acordo.

Será agora tempo de se ultimar este assunto, de tão extraordinária importância para a Unidade da Língua Portuguesa e sua expansão no Mundo? Oxalá que sim.

Como quer que seja, porém, aqui repito as minhas afectuosas saudações ao novo Ministro da Educação e Saúde do Brasil, Historiador notável e grande amigo de Portugal.»

Reproduzindo aqui estas palavras, desejamos repetir as nossas saudações a um dos mais destemidos paladinos da Cultura luso-brasileira.

A Sociedade Cultural de Angola publica um brilhante órgão com o nome de '*Cultura*', em que aparecem originaes e transcrições de Escriutores illustres de Portugal e Colónias. Embora tarde, devemos referênciã especial ao n.º 14, Ano IV, com escolhida colaboração de João de Barros, Fernando Pessoa, João Baptista Pereira, Lavrador Ribeiro, Lázaro Manuel Dias, Coronel Lopes Galvão, Norberto Gonzaga, Afonso Correia, J. Gândara de Oliveira, Eng.º Alberto Ferreira da Silva, Fernando Batalha, Marcial Brazins, Terêncio Lopes da Silva, Mário Moutinho, Eduardo Leiria Dias, Carlos Jorge da Costa Barros, Afonso Correia, Tomé Agostinho das Neves, Augusto Castro Júnior, F. Morais Sarmiento, Tomás Vieira da Cruz, José de Freitas, Sidónio Castelo Branco de Carvalho e outros. Numerosas illustrações embelezam a formosa publicação, que tão galhardamente defende o título escolhido.

O prestígio de Portugal no Mundo acentua-se à medida que o tempo vai mostrando quanto vale num País a clarividência, abnegação e supremo patriotismo do Chefe do seu Governo. De todos os Continentes chegam mostras desta verdade, parecendo que só alguns Portuguezes e bastantes Brasileiros se comprazem em ignorar as certezas patentes ou fechar os olhos à evidência dos factos. Deixemo-los na sua cegueira ou ruindade e alegremo-nos sempre que pela Imprensa se divulgam notícias como estas:

— *Genebra* — O Conselho Económico e Social decidiu, unânimemente, que o Português fosse a Língua official para a Comissão Económica da América Latina.

— *Vigo* — Na Praça Portugal, diante do busto de Camões, o maior Poeta da Raça, houve solene cerimónia de homenagem, a que assistiram as primeiras autoridades locais.

OBRAS de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

EDIÇÕES DE «OCIDENTE» E DA «REVISTA DE PORTUGAL»

«NOTAS VICENTINAS» — Tomo I — *Gil Vicente em Bruxelas*; Tomo II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro* — *Romance à morte del-Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III*. Tomos III/VII — *Cultura Intelectual e Nobreza Literária*. Tomo VIII — *Autos Portuguezes de Gil Vicente e da Escola Vicentina*. Tomo IX — *Frontispício, Índices e Capa*.

O volume completo com 664 páginas e 22 *fac-símiles* — 150\$00.
«LIÇÕES DE FILOLOGIA» — 1 volume de 432 páginas — 80\$00

MEDALHA HOLANDESA

DEDICADA AO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR
E DESCONHECIDA EM PORTUGAL

Por PEDRO BATALHA REIS



Dentre as múltiplas e variadas homenagens que nacionais e estrangeiros prestaram ao Estadista a quem Portugal deve o seu Ressurgimento, por ocasião das admiráveis celebrações do 8.º Centenário da Fundação da Nacionalidade, figura uma medalha holandesa dedicada ao Professor Doutor Oliveira Salazar, de que, aliás, se não conhecia entre nós a existência de exemplar algum.

Por ocasião daquelas celebrações, noticiaram os jornais que, por intermédio do Ministro de Portugal em Haia, ia ser entregue ao nosso Presidente do Conselho uma medalha que havia sido mandada fazer em sua honra pelo grande industrial holandês Carel Begeer, como homenagem de admiração pelo eminente Estadista português. Com efeito, a Obra de reconstrução e desenvolvimento nacional levada a efeito há duas décadas é de tal forma grandiosa e elevada que justificadamente tem sido alvo das mais significantes homenagens, não só dos Portugueses que o são de alma limpa e têm como ideais supremos Deus e a Pátria, mas ainda de tantos estrangeiros que de igual modo estremeceem o País que lhes foi berço, sem comprometedoras simpatias estranhas, e que reconhecem na Obra do Dr. Salazar a dum iluminado e providencial dirigente que salvou o seu País da ruína confrangedora e descrédito desolador, a que havia chegado, e o fez credor da admiração de todo o Mundo, que mereça e tenha o respeito humano.

Passado tempo daquelas Comemorações, desejando nós uma fotografia dessa medalha para ilustrar o artigo que escrevêramos acerca de *A Numismática nos Centenários Nacionais*, solicitámos

da Presidência do Conselho que nos fosse autorizado reproduzi-la, e qual foi o nosso espanto quando soubemos que essa medalha nunca tinha chegado a ser entregue ao Sr. Doutor Oliveira Salazar.

Arquivámos a informação e só agora tivemos conhecimento de que a secção de Numismática da Casa Bancária Almeida, Basto & Piombino & C.^a, de Lisboa, recentemente a tinha adquirido no estrangeiro.

Ignoramos os motivos que obstaram a que tivesse realização a entrega dessa medalha ao seu destinatário, mas o que torna mais plausível esse facto deve ter sido a morte repentina do Ministro de Portugal em Haia, dr. Francisco dos Santos Tavares, a quem, segundo as notícias do tempo, tivera sido entregue a medalha pelo ofertante, sr. Carel Begeer, para a fazer chegar às mãos do Sr. Presidente do Conselho.

Dessa medalha, que não entrou no comércio — daí a sua extrema raridade — fizeram-se apenas três exemplares: um de prata, para oferta ao Dr. Oliveira Salazar, e dois de cobre. Do primeiro nada se sabe; a reprodução que acompanha estas linhas é de um dos restantes exemplares de cobre.

A referida medalha é uma larga peça com 95 mm. de diâmetro, onde o «DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR» — é esta a legenda — se vê representado em meio corpo de perfil, à esquerda, trajando o capelo das suas insígnias doutorais, como lente que é, e dos mais ilustres, da Universidade de Coimbra. Junto à orla a data e assinatura do gravador em três linhas: A° 1939 / M. P. S. / FLEUR.

A composição deve ter sido influenciada pela magnífica estátua que o consagrado Escultor Francisco Franco fez do Presidente do Conselho, por ocasião da Exposição Internacional de Paris, em 1937, e que tão acentuada repercussão teve no estrangeiro.

Essa inspiração segue também a regra geral da Numismática e Medalhística, de que os gravadores, no que toca a composição, quando não criam obra nova, procuram os modelos, ou simplesmente as sugestões dos seus trabalhos, nas obras contemporâneas de renome; o que, todavia, não isenta a inspiração artística de se filiar às vezes, em produções antigas, nomeadamente do período greco-romano, como os Mestres que foram da Escultura, desde os monumentos de avantajado fôlego às peças miniaturiais da gravação monetária e glíptica.

A figura do Dr. Oliveira Salazar apresenta-se com suave modelado, sem deixar de sôbriamente marcar a austeridade e nobreza do seu perfil romano, duma serenidade que não exclui a preocupação vincada da sua forte máscara pela responsabilidade tremenda da vida duma Nação inteira que os seus ombros permanentemente suportam.

Esta medalha, duma equilibrada e sólida construção plástica, feita nos clássicos cânones que a Medalhística fixou no último quartel do Século XIX, tem contudo uma concepção mais ampla e consentânea com a expressão moderna da valorização dos elementos fundamentais, peculiar às produções congêneres do nosso século, que mantém as boas tradições, sem se haver abastardado com as

desregradas concepções, (que nenhum equilíbrio sério tem como manifestação artística), tradutoras dum pensamento de falsa ideologia que envenena o Mundo, e se chama segundo as suas expressões — artística, moral ou política — futurismo, ateísmo e bolchevismo.

O reverso dessa medalha, igualmente duma sugestiva sobriedade, é composto pelo Escudo das Quinas que ocupa todo o campo, e cuja singeleza de elementos heráldicos constitui a recordação da homogeneidade política de Portugal desde a sua fundação, tendo em volta uma coroa de louros evocadora dos gloriosos feitos da sua História.

A legenda circular junto à orla, com a data em segundo plano no lugar do antigo exergo, é formada por uma das célebres e lapidares frases dos memoráveis *Discursos* do homenageado: TUDO PELA NAÇÃO — NADA CONTRA A NAÇÃO — 1140-1940 — verdadeira síntese duma orientação, duma política, duma conduta moral sem mácula, como é toda a vida pública e privada do Homem a quem estão confiados os destinos de Portugal.

70 SEPARATAS DE 'OCIDENTE'

Com artigos, estudos e ensaios de Agostinho de Campos, Alberto de Oliveira, Aldo Bizzarri, Almeida Garrett, Alvaro J. da Costa Pimpão, Américo Durão, Américo Pires de Lima, Ângelo Pereira, António A. Mendes Correia, António de Aguiar, António Barbosa, António Correia de Oliveira, António Eça de Queirós, Armando de Matos, Artur Augusto, Artur Ribeiro Lopes, Augusto da Costa, Augusto Manilha, Carlos Magalhães de Azeredo, Castro e Brito, Coronel Leite de Magalhães, Costa Sacadura, D. João de Castro, Diogo Ivens, Diogo de Macedo, Eduardo Brazão, Emile Schaub-Koch, Fernando Campos, Fernando de Castro Pires de Lima, Fezas Vital, Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), Harri Meier, J. A. Pires de Lima, J. de Lacretelle, Jaime Cortesão, Jaime Lopes Dias, Janine Weill, João de Almeida Lucas, Joaquim de Carvalho, Joaquim Paço d'Arcos, José Cassiano Neves, Lourenço Chaves de Almeida, Melle. M. L. Pidal, Manuel Costa, Manuel Monteiro, Manuel Santos Estevens, Margery Withers, Maria de Eça de Queirós de Castro, Mário de Sampaio Ribeiro, Merícia de Lemos, Oldemiro César, P.º António Mourinho, P.º Serafim Leite, Pedro Batalha Reis, Pierre Hourcade, Raquel Bastos, Ricardo Jorge, Rui Ribeiro Couto, Rui Ennes Ulrich e Rui Galvão de Carvalho.

HÁ APENAS 2 COLECCÕES AO PREÇO DE 300\$00 CADA UMA

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1938 POR ALVARO PINTO JÁ COMPLETOU 38 VOLUMES COM MAIS DE 15.000 PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA PEQUENA QUANTIDADE DE COLECCÕES COMPLETAS: 38 VOLUMES ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.250\$00

SONETO INGLÊS

ESTÁ UM PENSAMENTO EM MIM, JÁ FEITO
PARA OS MÓVEIS DA CASA. EXISTE A IDEIA
DE ME SABER DEITADO NESTE LEITO,
OLHANDO A COR E A FORMA QUE OS RODEIA.

JÁ, SE OS OLHOS OS VÊEM, SÃO APENAS
A IMAGEM DECORADA NOS SENTIDOS:
COISAS DENTRO DOS OLHOS, TÃO SERENAS,
QUE PARARAM INSECTOS NOS OUVIDOS.

MESA, CADEIRA, ESTANTE, O ESPELHO E O LEITO
SÃO JÁ FORMAS QUE VIVO E PENSO FUNDO,
COMO ALHEIAS A MIM, E SÃO DO MUNDO

EM QUE ME SENTO E VEJO E LEIO E DEITO.
Ó PAISAGEM FECHADA NAS PAREDES,
MÓVEIS!: SÓ EU VOS PENSO E VÓS ME VEDES!!!

17-10-1949

CAMPOS DE FIGUEIREDO

POESIA E VERDADE EM GUERRA JUNQUEIRO

Por JOSÉ MARINHO

I

COMO SAMPAIO BRUNO em filosofia, assim Junqueiro representa a mais inspirada e a mais ampla forma da poesia no trânsito do Século XIX para o presente século. Na sua obra em prosa, recolhida nas '*Prosas Dispersas*' e em '*Horas de Combate*', se contém, tal como na obra em verso, tudo quanto o Século XIX, de melhor e de pior, amou e esperou, intuiu e visionou, concebeu e realizou. E assim como no caso de Bruno assinalámos, também em Junqueiro se encarnam e desfiguram nas mais mediócras e perecíveis fórmulas da tradição renascente e iluminista, as primeiras palavras da difícil mensagem espiritual. Dramática contingência dos melhores homens do seu e do nosso tempo, forçados, sob o peso dos preconceitos culturais e sociais, a traduzir o verbo vivo em já mortas palavras!

Nem Junqueiro nem Bruno aparecem como escritores clássicos ou académicos. São escritores de alta inspiração, mais directa e fluida no primeiro, mais intermitente e remota no segundo, e, com isso, Poeta e Pensador militantes. O sentido desta milícia não é, porém, nem num, nem noutra, exclusivamente humanístico, não se detém nos limites desta vida e deste exíguo mundo, não se contenta, afinal, de assegurar os caminhos terrestres do homem para a cultura uniformizante e a pequena ciência generalizada, para a justiça e a felicidade ao alcance de um saber e de um querer finitos¹.

Se Junqueiro, como Bruno, começou desde o mais baixo nível da cultura moderna, certo é que através de uma evolução de sucessivas emergências alcançou visão do homem e do Universo muito alta, se bem a compararmos aos pontos de partida. Também no caso de Junqueiro, é na *Renascença Portuguesa* que se continua e se aprofunda a inspiração mais valiosa do seu pensamento e da sua obra poética, mas por isso mesmo que mais valiosa e mais afastada dos pressupostos intelectualistas, cientistas e pragmáticos da cultura do seu e do nosso tempo, mais difícil de ser compreendida e, sequer, entendida.

Entretanto, a pergunta, já muitas vezes feita, surge em nós: foi Junqueiro um pensador? Em linhas divergentes se respondeu a essa pergunta, desde quantos pura e simplesmente lhe negaram pensamento próprio, e dele fizeram exclusivamente o poeta ampli-

¹ Cf. o nosso estudo sobre Sampaio Bruno, in '*Perspectiva da Literatura Portuguesa no Século XIX*', dir. de Gaspar Simões, ed. «Ática», vol. II.

ficador das vozes do mundo e da cultura, até àqueles outros que nele viram um pensador de intuição genial e bem capaz de resolver os enigmas da vida e do destino.

Sem esquecer as referências de Bruno, como as primeiras sérias e responsáveis, muito principalmente a da *'Ideia de Deus'*, consideraremos o que Unamuno disse de Junqueiro em o número de homenagem da *'Águia'* por ocasião da sua morte: «nada más que un Poeta, pero todo un Poeta». Cabe lembrar também que a *'Vida de Quixote e Sancho'* é sugestivamente entretecida de citações da *'Pátria'*: num pensador como Unamuno e num livro como aquele, não resulta, por certo, tal relevo, de capricho ou recurso aleatório. Nem devemos também esquecer os diversos mas cingentes depoimentos e interpretações que Leonardo Coimbra dedicou ao drama espiritual e ao pensamento de Junqueiro, reunidos em livro com o nome do poeta. O valor deste livro nós o sugerimos no nosso estudo sobre o pensador, mas foi mais directa e analiticamente expresso por um crítico que, com raro conhecimento das formas poéticas, se ocupou dos problemas mais prementes que a obra de Junqueiro sugere, impugnando argumentadoramente, por vezes com áspero rigor, mas inegável fundamento, os preconceitos da crítica adversa ao Poeta dos *'Simples'*: referimo-nos a Amorim de Carvalho e ao seu livro *'Guerra Junqueiro e a sua obra poética'*.

Qual o sentido a atribuir à citada declaração de Unamuno? Ela pode interpretar-se de dois modos. Ou se diz ali que Junqueiro foi apenas poeta sem nada ter que ver sua poesia com a filosofia, ou se diz, pelo contrário, que tudo quanto de filósofo necessariamente tem, como todo o poeta verdadeiramente inspirado e amplo, se exprimiu de mais autêntica maneira na obra poética e não nas tentativas filosóficas em prosa.

Admitir a primeira interpretação está na tendência de muitos dos nossos escritores literários. Tal interpretação, porém, sendo na verdade ruínosa para Junqueiro, ruínosa será para os maiores Poetas de Portugal como para os maiores Poetas da Humanidade.

Neste caso, como é entre nós tão frequente, reduz-se a poesia ao lirismo de emotiva subjectividade ou sensual objectividade, e por mais que digam os propugnadores de tal critério admirar ou venerar a poesia épica e a dramática, concebê-las-ão como híbridas ou estranhas monstruosidades. E não há negar que esse hibridismo e essa monstruosidade, o excesso e a desmesura, existem em Junqueiro, e em grau porventura único nas nossas letras, mas o hibridismo temático e formal, a monstruosidade figurativa, o excesso metafórico e a desmesura verbal têm de ser compreendidos como atributivos da sua peculiar grandeza.

Ora, evidentes aparecem já os sinais de que na crítica e na história literária da nossa época, tanto de origem classicista como de atitude modernista, está alheio o sentido da inspiração funda, da ampla visão, da potência simbólica e significativa de toda a grande poesia. Assim, quando vemos incidir o louvor, de um lado, sobre Nicolau Tolentino ou Castilho, e, do outro lado, sobre

Cesário Verde ou Camilo Pessanha, vemos preferida a poesia correcta e comedida mas restrita de significação, à poesia torrencial e magnificente, incorrecta e descomedida, se quiserem, mas na qual perdura e se reafirma, em época de episódios e incidentes estéticos, o sentido do poema autêntico.

O sinal do Poeta é o poema. E se nem sempre é possível confirmar que o poema assinala o poeta, isso explica-se por o poema poder sê-lo apenas na extrínseca forma, não na vivente substância das imagens de abissal e dramática ou etérea e religiosa significação. Ali, porém, onde temos o poema do qual se diz ter fracassado, aí está o poeta com o sentido da autêntica poesia. Numa palavra: receamos tenham sido falseados os valores da poética pelos irreflectidos amantes da poesia, seus apressados cultores e amadores. E não negando o relativo mérito do lirismo extreme, o da restrita subjectividade ou da efémera circunstância, tão-somente dizemos que se devem críticos e historiadores guardar, sob pena de morte do próprio lírico, de por ele julgar toda a poesia; assim, bem entendido, o pensamento filosófico e o dom subtil de filosofar não podem julgar-se pelo ensaísmo e nele.

O juízo sobre a filosofia de um poeta, e não há poeta, no mais nobre sentido, que não tenha uma filosofia pelo menos implícita, nunca poderá proferir-se com a facilidade tão comum nos dias de hoje. Supõe a intuição adequada e, sobre isso, estudo lento e muitas vezes repetido, atendendo às formas diferentes que num povo podem assumir as relações do taciturno ou semi-explicito pensamento com o pensamento especulativo. Constituem essas relações aquele diálogo tão significativo, desde os Gregos, em todos os altos momentos da cultura europeia, e certamente decisivo entre nós desde Antero, para o qual Álvaro Ribeiro chamou a atenção com a sua habitual subtilidade e lucidez¹.

Entretanto, tais relações revestem por vezes formas paradoxais onde menos se esperavam. Tal é justamente o que a reflexão lenta e longa sobre Antero pode estabelecer. Foi Antero chamado Poeta-Filósofo, mas a leitura meditada dos '*Sonetos*' anula tal preconceito. A típica grandeza de Antero está na elegia e na desesperada e gradual anulação do amor e da acção, do conhecimento e da vida. Um abismo se abre e aprofunda em sua alma entre o pensamento, a um lado, e a imaginação e a sensibilidade, a outro lado. Falta, pois, a relação estreita e necessária entre a filosofia e a poesia, entre a ideia e a imagem, nenhuma podendo, sob pena de anquilose ou dissolução, abjurar da outra. Com toda a perturbante beleza e profundidade dos seus sonetos de infinda melancolia e dos poemas mais longos de inenarrável desespero, Antero situa-se na região espiritual contrapolar da de Junqueiro e Pascoais. Dele não pode dizer-se que foi «todo um Poeta» e o inegável sentido precursor do seu pensamento filosófico mal vela a falta de real substância e autêntica fecundidade.

¹ In '*Fernando Pessoa, filósofo e poeta*', prefácio a '*Nova Poesia Portuguesa*', ed. Inquérito, Lisboa, 1946.

Tentemos, agora, cingindo mais estreitamente o nosso tema, indicar os caminhos da verdadeira exegese da filosofia que em toda a poesia inspirada se implica ou explicita. São necessariamente três os caminhos, como vamos dizer.

Em primeiro lugar, deve atender-se às ideias mais explícitas, a tudo quanto de significativo existe nas imagens e metáforas. Cumpre referenciar com reiterada atenção o valor significativo de umas de outras, se é bem certo que mesmo na filosofia própria-dita, como é visível no pensamento grego e também no renascente, no barroco e no romântico, é por vezes impossível compreender o rigoroso pensamento de um filósofo sem atender às imagens, metáforas e alegorias, relações ou referências simbólicas, por que ele em certos momentos decisivos ou culminantes se traduz. Os exemplos de Parmênides, Heraclito e Platão, os de Giordano Bruno e Leibnitz, os de Schelling, Hegel ou Schopenhauer e Nietzsche, e os de tantos contemporâneos, são decisivamente confirmativos. Os nossos críticos e pensadores de tendência intelectualista, positivista ou logística, deveriam ser neste ponto mais reflectidos. Pois, como está patente, aplicam aos poetas uma exigência de significação discursiva e coerência conceptual que pode visivelmente faltar em algumas das mais significativas obras ou momentos de pensamento dos mais famosos entre os filósofos do Mundo. Aliás, mesmo ao fundo de noções introduzidas na ciência, tais como as de movimento e causalidade, de gravidade, de evolução, de luta pela vida, de percepção e conceito, estão imagens garantes das quais o pensamento não pode inteiramente alhear-se sob pena de vão formalismo.

E assim, entre nós, mas não só entre nós, lutando a crítica contra o que chamou retórica, imprudente e temerariamente lutou contra a imaginação e contra a eloquência, esses fundamentais elementos de toda a poesia que não seja a mais restrita e pouco funda forma de lirismo. «A verdadeira eloquência» — escreveu Pascal — «zomba da eloquência». Isso pode aceitar-se com uma reserva: de que a ressentida falta de eloquência, essa não pode admitir-se como a virtude correspondente ao defeito. Assim também a verdadeira imaginação, se incompreensível e soberba, pode zombar da falsa. Mas a segura de imaginação, ao dar-se por lei, fomentará, em poesia como em filosofia, a disciplina e a operosidade estéreis.

Não basta, porém, atender ao pensamento mais explícito, quantas vezes, em poesia, enganador! Implícito nas intuições genéricas e nos fluxos mais surdos de inspiração, como que dorme e respira activo o autêntico pensamento, e é principalmente esse, mesmo quando não temos a esperança de plenamente o alcançar, que devemos auscultar detida e repetidamente. E este segundo aspecto não é, dos três, o menos importante. Nem a exigência de considerá-lo se põe apenas em relação aos poetas de tipo barroco, romântico e neo-romântico. Ela põe-se também em relação aos chamados clássicos. Foi atendida, não há negá-lo, pelos nossos críticos e historiadores de várias tendências. Infelizmente, confundiu-

-se aqui o pensamento do poeta com a cultura filosófica do escritor. Disto resultou sabermos alguma coisa das influências platônicas ou aristotélicas em Camões, mas estarmos sem saber o que Camões por si pensou.

A mente de um poeta não é cera mole passivamente reagindo ao influxo do pensamento filosófico, tal como o filósofo, com seu estilo mais poético e metafórico ou mais prosaico e exacto, não é um servo de poetas e literatos, ou de sábios, que lhe ensinam a escrever. Não existe a poesia na mera sensibilidade, mas na imaginação e na mente atribuidora de significações ao Universo e à vida. No mais irracionalista dos poetas, a mente conta para sim ou para não. Assim também o filósofo não constrói de fora para dentro a expressão do seu pensamento. Nem na ordem do espírito há tais artifícios, nem na da vida. A verdade, porém, é que se a nobre ciência poética está muito degradada, a ciência filológica não o está menos.

Ocupámo-nos já do tema, pondo em contraste o pensamento e a expressão em Leonardo Coimbra e Sampaio Bruno nos estudos que dedicámos a um e a outro. O êxito foi nenhum, melancolicamente o dizemos.

A terceira via de acesso ao pensamento filosófico de um poeta referir-se-á àqueles seus escritos a que intencionalmente deu filosófico objectivo e forma. *'As Tendências'* de Antero de Quental e o *'Homem Universal'* de Teixeira de Pascoais são escritos deste género. Assim também o seria a *'Unidade do Ser'* de Junqueiro. Apresentamos o exemplo de Antero, dando neste caso precedência ao poeta. Mas é também lícito pensar que a personalidade poética e a filosófica existiram nele a par, e em sucessivas relações de afinidade e contraste até ao momento do divórcio extremo.

Das três vias de compreensão é esta última a mais fácil. O filósofo que está no Poeta facilitou-nos então o áspero trabalho. E cabe acrescentar que por duas razões pode tentar o discurso prosaico: ou para explicar a obra poética ou para, mais independentemente, expor a sua concepção do Universo.

Em qualquer dos casos não deixa nunca o poeta épico, trágico, profético e religioso de aspirar à dignidade filosófica. E é um sinal autêntico de grandeza, ao contrário do que muitos hoje pensam, ter o poeta em pouca conta os seus versos e preferir o nobre nome de filósofo. Os homens verdadeiramente grandes deixam aos médiocres remirarem-se no espelho dos dons que não possuem: o sinal da certa grandeza é saber o que alcança e aspirar ao que falta.

Assim Junqueiro, vamos já vê-lo, se ergue entre os nossos poetas como um daqueles aos quais foi dada uma intuição aguda e significativa do homem e do destino, do Universo e do ser. Não nos será difícil mostrá-lo, tendo em conta o caminho já andado por Leonardo Coimbra no seu livro sobre o poeta e o pensador. Antes, porém, de nos ocuparmos do prefácio aos *'Pobres'* de Raul Brandão, no qual se deterá principalmente a nossa exegese, tentemos, seguindo os caminhos indicados, sondar e auscultar as funduras de que o mesmo pensamento emerge.

II

No íntimo pensamento de Junqueiro vemos um contraste que caracteriza também outros poetas e pensadores do seu e nosso tempo, como do passado próximo ou remoto. Nesse contraste, aparece-nos, por um lado, o fundo sentido da unidade substancial de tudo quanto existe, a apreensão do laço irrompível entre todos os seres. (E não está aí apenas um dado da intuição metafísica, hoje tão desdenhada, mas também a exigência inalienável da razão especulativa, sob pena de a realidade como o próprio conhecimento, e a mínima consciência dela, perderem todo o sentido).

Por outro lado, e contrapostamente, uma apreensão aguda da indefinida variedade e dinamismo das formas, cuja expressão oscila entre os dois conceitos de transformação e metamorfose. Revelar-se-á, porém, em Junqueiro alguma coisa ainda, o alado frémito para além da inquietação do permanente e insolúvel devir: é o que podemos chamar sentido de transfiguração.

Leonardo Coimbra, no seu estudo sobre o pensamento de Antero de Quental, considerara já, sob o nome de «correntes contrárias», o análogo debate no pensamento de Antero. Mas a Antero faltou o sentido do liame sublime. E conforme o fosso se lhe foi abrindo entre a realidade vivida e a mais profunda realidade aonde sua intuição alcançara, assim lhe foi forçoso anular em si sucessivamente o pensamento e a vida.

Deste modo, no dramático contraste, presente em toda a alma séria de Poeta ou Filósofo, se destroncou a poesia e o pensamento de Antero de Quental, como mais tarde iria acontecer com Fernando Pessoa. Enquanto, porém, Antero permanece fiel ao absoluto e ao sentido da unidade profunda, perde-se Pessoa na pluralidade das formas do ser do homem e da Natureza. O primeiro é o Poeta da luz branca e inefável, o segundo anula o melhor da sua alma e das promessas do espírito no caleidoscópio multicolor.

E não admira que sucessivamente Antero e Pessoa recolham a admiração, enquanto Junqueiro e Pascoais são injustamente olvidados ou ignaramente aludidos. Os filhos desta época parcial e apressada recusam a responsabilidade de ligar o céu e a terra, o divino e o humano. Falta-lhes o sentido angélico ou o sentido cósmico. Por isso tanto gostam das sérias brincadeiras do heterónimo Caeiro com a mística e a metafísica, e com o sentido profundo que têm as formas de ser mais humildes. Mas, verdadeiramente, se a árvore é só árvore, se o vento é só vento e se o homem é só homem, vã é não só toda a temporal ciência dos fenómenos ou aparências, mas também toda a ciência iniciática do mistério luminoso e patente ou tenebroso e oculto.

Assim, dizíamos, o contraste terrível mas inevitável destroncara já a poesia e o pensamento de Antero, retirando-lhes substância vivente e terrena. E como mostrou Leonardo Coimbra, cuja funda interpretação do pensamento de Antero e compreensiva exegese do de Junqueiro estamos atentamente seguindo, a expressão

«budismo ocidentalizado» traduz, antes da ruptura, a premente busca da harmoniosa conciliação: «o budismo», como a finalidade espinosista, corresponde em Antero ao sentido da unidade do ser, «ocidentalizado» traduz tudo quanto em experiência e saber da variedade indefinida dos seres a tradição europeia alcançou.

Em Junqueiro, porém, é mais agudo o sentido da variedade e da indefinida mobilidade dos seres e das formas. Assim também é menos fortemente intelectualizado e abstracto o sentido da unidade. Nada nele de imóvel, de parado ou fixo. Um fluxo incessante, a que constantemente se refere, tudo transmuda, de modo patente ou oculto, no seio do Tempo. Por outro lado, deste fluxo de transformações e metamorfoses surge sempre uma irisada névoa para a qual o poeta volta olhos interrogadores. Dessa névoa amanhece o fulgurante Universo onde tudo se cumpre e compreende:

*Dormirão? oh, nunca!... vão eternamente
Circular na eterna vida universal:
Nebulosa fluida, labareda ardente...*

.....

*E o pastor de ovelhas, que comeu centeio...
Já liberto agora da Ilusão do mundo
Fez-se em anjo branco, ainda outra vez pastor:
Milhões de astros seguem seu olhar jocundo,
São rebanhos de almas pelo azul profundo,
As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!*

O jogo do amor e do ódio, das forças genesíacas ou aniquiladoras, está também em Junqueiro acentuado em grau raro, e talvez único, no pensamento poético português. Isso explica a amplitude de oscilação da sua poesia entre a sátira e o sarcasmo, e o lirismo metafísico-religioso. Infelizmente, a sedução classicizante impediu ver, no caso de Junqueiro como noutros, o sentido fundo da demasiado aparente irregularidade da sua obra e, por outro lado também, a maior amplitude que a sua inspirada poesia circunscreve. Confundiui-se com oca retórica aquela palavra que suplanta o palavriado culto, comedido e discreto, e que antecipa, e já prefigura, o verbo mais fundo ou mais poderoso, ou anuncia também aquela visão aberta, auroral e ilimitada a que vai ascender a poesia de Teixeira de Pascoais.

Regressemos, porém, sobre o caminho seguido. Não esqueçamos que na terra dos ainda desatentos não basta explicar e demonstrar. Forçados assim a repetir, apontaremos e comentaremos finalmente alguns dos trechos que, sob forma já imaginal, já conceptual, se nos afiguram mais reveladores.

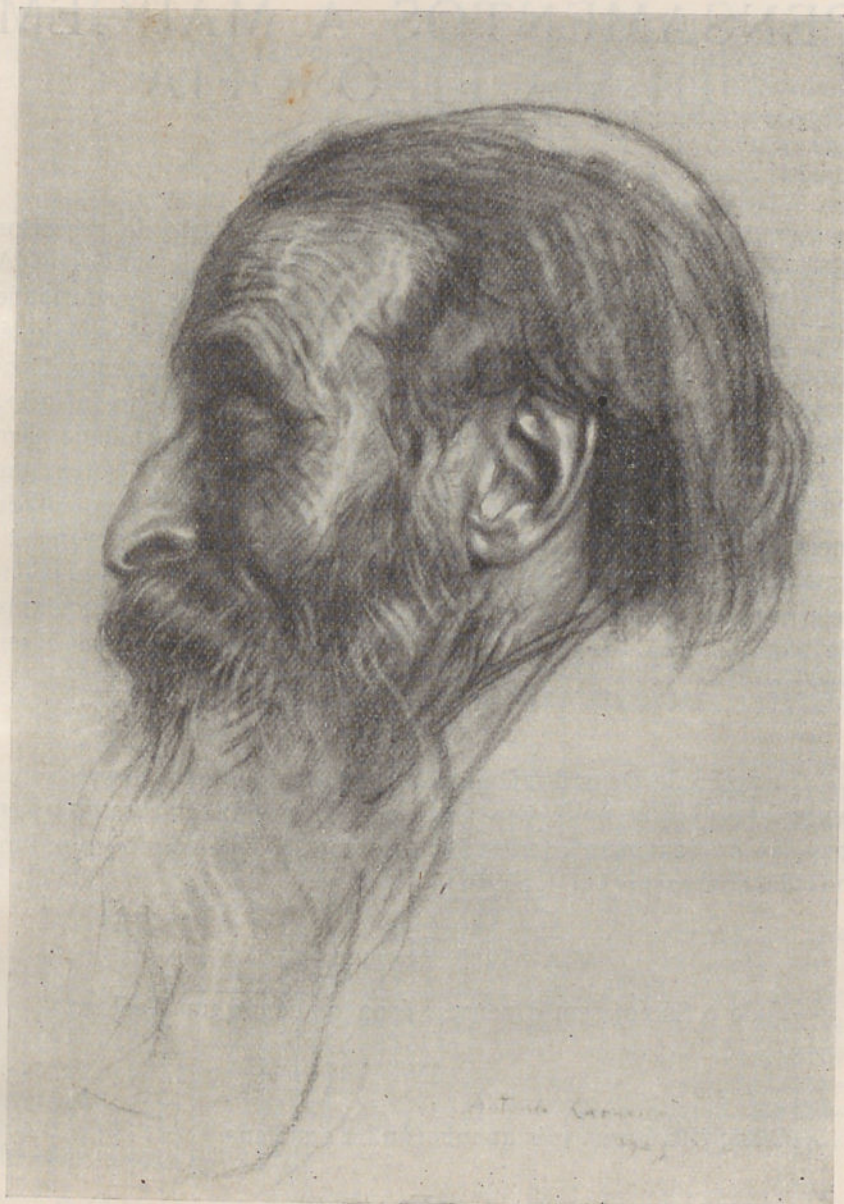
Primeiro, análogamente a Sampaio Bruno, ergue-se o poeta satírico e sarcástico contra as formas da vida religiosa, do amor ou da liberdade política encarceradas no hábito ou no preconceito. Então fala, ele também, a linguagem de quem supõe que o drama de existir pode resolver-se no estrito plano da vida do homem. Como Leonardo Coimbra mostrou, é de um fundo naturalista e de um pensamento de inspiração humanística e cientista (visível em '*A Morte de D. João*' e na '*Velhice do Padre Eterno*' e ainda em poemas e outros escritos posteriores) que surge a sua crítica excessiva e sarcástica. Depois, o seu naturalismo adquire fundura, a dor alarga-se ao amplo e rumoroso universo e as vicissitudes de ódio e amor aparecem não já só nas relações dos homens e das instituições humanas, mas no íntimo seio da realidade.

Esta decisiva transmutação análoga à que em Bruno estudamos, está patente nos '*Simples*', exprime-se ou tenta exprimir-se discursivamente no prefácio aos '*Pobres*' de Raul Brandão. Junqueiro, num duplo movimento, dirigido ora à consciência responsável do homem, ora à realidade, sonda então o fundo do que antes criticara e, coisa rara, dada a poucos críticos ou satíricos, sonda também os abismos da alma dos quais a crítica proviera. É um homem responsável e um escritor responsável, não destes que encolhem os ombros e vão sempre adiante, mas dos que incessantemente regressam sobre o dito e o feito. E quando, mais tarde, nos momentos extremos da doença e ante a morte próxima, Raul Brandão no-lo descreve, esquelético, ansioso, estendendo as mãos e dizendo: «Pesei o bem que fiz e o mal que fiz!», está aí, tudo o prepara no prefácio célebre, alguma coisa mais que literatura. Contou-o quem devia e como era devido: não há coisa mais bela e significativa.

A meditação de Junqueiro acompanha de perto a meditação de Bruno, o movimento de alma aparece similar nos dois íntimos amigos e irmãos espirituais, aqueles homens, sem dúvida, que contra todo o esperado e sabido, mais longe se adiantaram, desde o nosso abortado renascimento e antes da nova *Renascença Portuguesa*, pelos caminhos da meditação do homem e do seu universal destino.

E como se dá em Junqueiro a transmutação aludida? Já atrás o dissemos. Da dor humana, Junqueiro amplia o olhar à dor universal, do amor cingido no sexo e na aventura individual ou social do homem, amplia o sentido ao amor universal. E por isso é nele tão séria a metáfora transfiguradora e tão sério também, apesar de todas as inconsequências ou desníveis, o espírito da sátira que o movera. Ele pesará o mal que fez, como um judeu atento à lei moral; mas encontrará, ao fim, como um cristão, e dos mais sérios que tivemos, que no seio do mesmo mal que fez, ou qualquer homem fez, há um secreto bem transfigurador.

Assim, nos '*Pobres*', vê a confissão de uma alma em transe



GUERRA JUNQUEIRO

Desenho de ANTÓNIO CARNEIRO

PENSAMENTOS À MARGEM DUMA FILOSOFIA

I

O Cristianismo não constitui apenas uma série de preceitos morais de cuja execução resulte o estado perfeito de santidade. A santidade, superior ao génio, é mais rara do que este. A santidade consiste em pensar o Universo no plano divino e vivê-lo, isto é, senti-lo a toda a hora nesse plano supremo e transcendente. Consiste em viver as horas no tempo e andar as léguas no infinito; em contemplar a vida do infinito para o finito, da Eternidade para o momento. Os grandes Santos são sempre grandes Filósofos, que realizam em actos a sua filosofia. A doutrina de Jesus, executada mecânicamente, sem a realização interior, não dá santos: dá monstros; transfere o egoísmo da vida prática para a vida transcendente. Dum comerciante de vinhos ou de cereais fará um comerciante de glória eterna. Muitos contemplativos contemplam apenas o seu egoísmo.

II

A acção de Deus é infinita sobre os Santos, infinitésima sobre as pedras. Porque os Santos vêem-no e falam-lhe, e as pedras brutas não o vêem nem o entendem. Sentem-no vagamente, nos limbos da sua escuridão espiritual.

III

Todo o Sábio, sem o pensar, é na realidade um Teólogo.

IV

O espírito é uma raiz que mergulha em Deus.

V

Por vezes, na longa vida de um grande Poeta (setenta anos, por exemplo) há setenta horas de sobre-humanização. São esses três dias de luz tudo o que fica desses setenta anos.

(INÉDITOS)

GUERRA JUNQUEIRO

análogo ao da sua. Louva em Raul Brandão «não a confissão vulgar de uma boca que tem dentes, para o ouvido que tem sombras... mas a esplêndida confissão das almas vertiginosas, desagregando-se, tranzidas de eternidade e de mistério». Porque o mais alto sentido da poesia e do autêntico pensamento não é apenas referir experiências ou formas do ser subjectivo ou social do homem. «O homem é um resumo ideal da natureza. Andou o infinito e lembra-se, andar o infinito e já o sonha. Lembrança que não é apenas a de uma vida circunscrita e cerrada dos dois lados por duas formas de um Nada inconsciente, mas memória, consciência e acção responsáveis nas quais se repercute e representa toda a imensa realidade do universo. Sentido de uma redenção que em Junqueiro, como em Bruno, só será autêntica e plena quando alcançar toda a dor, todo o drama de ser das criaturas e do Universo, no Ti-Zé Senhor, na pastorinha de olhos inocentes, no D. João e na Impéria, no caçador Simão, no velho padre cura, nos astros frios do espaço, no castanheiro morto e na perdida alma da canção perdida.

Assim se aprofunda o sentido do universal, desaparecendo com Junqueiro a «história, no minuto e na rua, do homem-sicrano», surgindo «a história, no espaço e no tempo, do homem infinito, que vem de Deus e para Deus caminha».

Para terminar, só algumas palavras mais sobre o sentido do movimento em Junqueiro. Cremos estar aqui, afinal, todo o segredo da sua poesia e do implícito pensamento.

Tudo em Junqueiro se imponderabiliza e fluidifica, e estes termos, ou equivalentes, aparecem constantemente nos seus escritos de várias fases. Tudo quanto se detém, nega em si a melhor vida, adormece e degenera. Assim, a poesia de Junqueiro aparece como cátersis do sólido, libertação das formas rígidas nas quais jaz encarcerada a Natureza, o homem e a visão do homem.

No Poeta das '*Orações*', tudo está, pois, em movimento, em transformação. O movimento sensível representa e simboliza o movimento da vida e da alma genesiaca e toma então o aspecto de metamorfose cósmica e transfiguração espiritual. Nesta última se insere o sentido angélico. Também nele, como em Bruno, do homem nasce o anjo. Mas à linguagem da metamorfose espiritual, ou transfiguração, solda-se ainda a linguagem do transformismo. Meditemos o texto significativo e crucial, tão rico de sugestões poéticas e tão sério filosoficamente:

«O lexicon, sem princípio nem fim, das vozes mudas do increado, das línguas tácitas da natureza, alguém o ouviu que se recorde? Alguém. O homem, crisálida do anjo, foi monstro e planta e verme e rocha e onda; foi nebulosa, foi gás impalpável, foi éter invisível. Articulou todas as línguas, e delas conserva, obscuramente, vagas memórias dormitando. Por isso, os poetas adivinham, e raros com a intuição prodigiosa do meu amigo»¹.

¹ No prefácio, como é bem sabido, usa, referido ao autor dos '*Pobres*', o discurso directo. Cf. '*Prosas Dispersas*', pág. 41.

Ao longo desta nossa tentativa sobre Junqueiro marcámos as relações do seu pensamento com o de Bruno e sugerimos quanto da sua poesia e do íntimo pensamento passa dele para Pascoais e Leonardo Coimbra. (A relação com Raul Brandão ficou bem marcada pelo próprio poeta).

Legam-nos estes homens quanto de mais alto em Portugal se alcançou nos tempos modernos. Como no nosso estudo sobre Sampaio Bruno já sugeríamos, o filósofo de *'A Ideia de Deus'* e o poeta das *'Orações'* são aqueles propositores do difícil enigma e da imperiosa verdade cuja caminhada os homens da *Renascença Portuguesa* logo prosseguiram. A Bruno e Junqueiro, significativamente, dedicou a *'Águia'* números de homenagem. Não temos a certeza de que um e outro tenham bem compreendido toda a importância desse movimento, único entre nós, fugaz mas subtilmente poderoso como todas as altas manifestações do espírito: também nos dramáticos transes da geração espiritual, como nos da geração vital, os pais ignoram os filhos. Mas temo-nos admirado bastante de ver como a melhor atenção vai para a geração de Antero ou para a do Orfeu. Toda a incompreensão racionalista ou irracionalista para com a *Renascença Portuguesa* não deveria, no entanto, causar espanto, quando vemos alguns daqueles mesmos que participaram do movimento, por diversos modos esquecidos do seu melhor e mais alto significado. Sentido renascente, cósmico e universalista, imanência abissal, transcendência, poder simbólico e mítico, atitude metafísica, sentido especulativo e outras coisas por tal jeito, como não seriam desdenhados por época tão cientificamente sábia, tão crítica, tão episódicamente estética, tão logicamente lógica, tão humana, demasiado humana, como estamos desde há longo tempo vendo!

Independentemente da injustiça que provém de ignorar ou de minorar a poesia de Junqueiro, disso resulta ainda cerrarem-se olhos e ouvidos ao melhor que depois dele veio. De maneira especial, a atitude perante Teixeira de Pascoais é sinal grave daquele estado de incompreensão desatenta aos mais altos valores do espírito, entre nós resultante, como vimos, de duas formas de crítica de oposta origem mas convergente sentido negador.

Homem!

Dá pelo Amor ao triste e ao desvalido
Teu coração, teu pão e teu vestido!

Pelo Amor, com teus lábios virginais
Beija lepras e cancos d'hospitais!

Pelo Amor, pelo Amor, como Jesus,
Sorri à Dor pregado numa Cruz!

A VERDADEIRA GRANDEZA DO POETA GUERRA JUNQUEIRO

por JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

I

A GLÓRIA VERDADEIRA DE UM POETA, a que é feita de profunda compreensão, intenso amor e justa admiração da sua Obra, no que tem de eterna beleza e permanente valor humano, por espíritos superiores e inteligências cultas, a que é vivência da sua grandeza por todos os grandes, tem um grave e terrível inimigo na falsa glória.

Pior que a indiferença do público, esse público moderno que vive entre duas Culturas, a Superior e a Popular, sem possuir nenhuma delas; pior que a animosidade e a inveja de outros Escritores contemporâneos (às vezes, infelizmente, mesmo alguns de real valor) interessados em abafar com o silêncio tudo que é grande e os esmaga; pior do que a incapacidade, muito comum, dos que se permitem criticar, não tendo poder de compreensão nem cultura, e julgar, sendo inferiores, sem nenhum respeito pela grandeza; pior, muito pior do que tudo isto é, para um Poeta, a falsa glória.

Porque ela tem necessariamente por base uma concordância fácil com os defeitos de qualquer Obra e o desconhecimento ou a recusa das suas mais altas qualidades. E assim, a adesão dos médiocres (coisa tão diversa de reelaboração da grandeza das Obras individuais pela Cultura Popular), o êxito fácil perante um público sem cultura de espécie alguma e os louvores transviados, quando não interessados e interesseiros, impedem, ou pelo menos demoram a glória verdadeira de um Poeta.

Erguem entre ele e os espíritos capazes de o compreenderem e amarem uma barreira de indiferença pela Obra assim consagrada falsamente, de natural dúvida sobre o interesse em a estudar e desgosto pela falsa figura criada pela Fama e que lhes esconde o verdadeiro Poeta e o Homem grande e único, em sua tragédia e valor, digno de admiração. Perde com isto a Cultura Superior de uma Época e a Cultura Popular que também dela se nutre. Perdem as almas grandes outra grandeza a viver, e os Poetas, escondidos pela falsa glória, a sua vida perpétua na admiração e amor dos seus pares e na Cultura Humana.

Mas todas estas consequências da falsa glória de um verdadeiro Poeta (embora sempre nefastas para o valor e a Cultura de uma Época) são reparáveis com o tempo e o aparecimento, mais ou menos tardio, de uma justa Crítica, o entusiasmo e amor de

alguém que exume a Obra verdadeira e eterna das cinzas da incompreensão, deturpantes admirações e falsos louvores.

As consequências irreparáveis, terrivelmente nefastas e irreparáveis, da falsa glória são as que ela pode ter sobre a natural evolução de um Poeta e a realização das suas Obras.

Estas consequências piores da falsa glória pesaram em vida sobre o Homem bom e o grande Poeta Guerra Junqueiro. Impediram a total realização do seu génio e abafaram-no a partir de certa idade e quando precisamente ele atingira a plenitude.

Dificultaram-lhe as outras, durante a vida, a sua glória verdadeira mesmo perante a Crítica de espíritos superiores que a souberam compreender mas não distinguir da falsa glória e assim, ou não ousaram afirmar aquela em toda a sua verdade e pureza ou, dentro de si próprios, sem o querer, gravemente a diminuíram e contaminaram de injusta admiração e errados louvores.

Dificultam-na ainda hoje, ou agravadamente hoje e desde a terrena morte do Poeta, combinando-se os motivos da natural mas excessiva, particularista, e portanto injusta, reacção dos grandes, com uma baixa tendência, de certos sectores do nosso meio literário, para uma Poesia sem arte, sem humanidade, sem valor comunicativo e sem grandeza. Sim, agravadamente hoje e não só com algumas falsas Críticas, incapazes e totalmente injustas, mas também com outras e raras Críticas verdadeiras, honrosas para seus Autores, parcialmente justas e mesmo valiosas por alguns acertos e sugestões, mas nenhuma com a visão integral do Homem e da Obra e todas elas ainda transviadas pela miragem de falsa glória que tanto prejudicou o Poeta e nos frustrou de algumas obras de eterna beleza.

De há muito julgo necessária a propositura deste problema da verdadeira grandeza do Poeta Guerra Junqueiro, em opposição à sua falsa glória e a todos os errados louvores e não menos erradas censuras de quantos esqueceram ou fazem por esquecer a sua Obra de Poesia eterna, a natural e pura realização do seu génio, para só lembrarem o que era o seu *juvenil* ensaio e o que, transviado infelizmente pela falsa glória, ele baixou a executar com o seu poderoso talento verbal, mas sem adesão do génio e da alma, e atirou às paixões de fanático e baixo amor e de indignada revolta e rancores dos seus contemporâneos.

Alguns espíritos facciosos ou apenas tímidos, que não saibam distinguir entre o respeito pela grandeza e a idolatria das falsas figuras, criadas por um baixo ambiente colectivo, que deformam e encobrem essa grandeza, poderão talvez objectar-me que não é o momento escolhido para a consagração pública de um Poeta e da celebração do seu Centenário, o melhor para se fazer a análise de uma Obra e das suas glórias e a afirmação de uma verdade que não pode ser a do integral louvor. Julgo precisamente o contrário e ainda maior a urgência da propositura de um problema que tem de ser considerado e resolvido por vários Críticos verdadeiros e sob aspectos diversos mas complementares.

De contrário as consagrações do *Centenário* apenas servirão

para mais firmar a falsa glória e mais ainda e muito demoradamente impedir a glória verdadeira de um grande Poeta.

Porque esta afirmação fica desde já feita, para evitar falsas interpretações de quantas frases restritivas aqui venham a ser escritas.

Guerra Junqueiro merece a glória verdadeira de um grande Poeta.

E é para a afirmar que temos necessariamente de impedir a continuação, prejudicial, da sua falsa glória, mostrando principalmente quanto esta, desgraçadamente para ele e para nós, para a Obra possível e para a Beleza e a Cultura Espiritual dos Homens, sim, quanto, desgraçadamente, esta falsa glória e a submissão aos seus êxitos o diminuíram em suas extraordinárias possibilidades.

Se Guerra Junqueiro tivesse de continuar a ser considerado o *poeta social*, o *poeta revolucionário*, o demolidor da Realeza, o insultador da Igreja, nada poderia impedir o seu total esquecimento, como Poeta, por todos os espíritos dignos de admirar e amar a verdadeira Poesia, quaisquer que sejam as suas convicções políticas ou religiosas, verdadeiras convicções, evidentemente, e com base em ideias lúcidas e sentimentos dignos, e não paixões odientas e odiosas.

Porque na verdade Guerra Junqueiro foi tudo isso que constituiu, ao que parece, um Poeta revolucionário. Mas foi-o não por necessidade verdadeira do seu gênio, não com íntima adesão da sua alma, não por natural consequência da evolução da sua Obra, e sem grandeza, portanto, mesmo dentro dos escassos limites em que pode ser compatível com a Poesia uma realização dessa natureza.

Foi-o, primeiro, e quando muito jovem, por natural aceitação de influências prejudiciais, e depois, com menos desculpa, embora ainda jovem, por influência, pior, da falsa glória que lhe criaram precisamente por seus defeitos. Por ela e também por desvios do seu modo natural de ser e repetição de alheias e baixas ideologias e lugares comuns da propaganda plebeína.

Não é humano censurar ainda hoje uma fraqueza que foi castigada com os piores males: o desvio, por mais de uma vez, da sua natural e alta realização de grande Poeta; a íntima e trágica frustração de Obras longamente sonhadas e necessárias à sua grandeza maior; a esterilidade como Poeta quando mais alto poder atingira; a angústia sem nome do Gênio que vive sentindo-se já incapaz de criar o que era todo o seu dever para consigo próprio e os outros homens, e Deus, o que era o seu destino de plena grandeza, inteiramente possível.

A tragédia suportada por Guerra Junqueiro na última fase da sua vida, tragédia sumamente dolorosa do Gênio em parte vencido, agravada pelas angústias de uma Alma justa ao considerar as injustiças cometidas, foi um castigo que em muito excedeu todos os seus erros.

Perante ela só há uma atitude humana e digna: a do perdão por quantos foram ofendidos por esses erros e injustiças; a do esquecimento, ou, se quiserem, o abandono à falsa glória, daquelas Obras

ou trechos de Obras em que foi vencida e rebaixada ao nível dos medíocres e primários a grandeza humana e o valor imortal do grande Poeta.

Esquecê-las, mas não no estudo compreensivo e atento nem no leal julgamento dos seus defeitos e qualidades, porque lhas emprestou sempre o grande talento e poder de expressão do Poeta, mesmo quando o seu génio se apagava e submetia às nefastas influências alheias e ao ambiente inferior.

Esquecê-las na glorificação verdadeira do Poeta e na compreensão justa do muito que realizou de grande, belo e alto. Um muito que, infelizmente, não foi quanto poderia ter sido.



A compreensão da grandeza e valor deste Poeta e o derrubamento necessário duma falsa glória, para que se edifique e alteie sempre mais a glória verdadeira merecida, exigem, antes de mais nada, uma síntese da sua evolução. Nela é indispensável referir, além das Obras realizadas totalmente, as apenas concebidas e de que só nos ficaram fragmentos e mesmo as que não passaram de anseio de um Génio que não se queria ver frustrado na Obra possível e teimava em dizer Obras prontas a publicar os seus sonhos de grandeza e as esperanças de cumprir inteiramente o seu destino.

Só assim obteremos a visão clara da tragédia terrível desta vida superior mas imperfeita de Poeta, dividida entre a natural afirmação do seu génio e as solicitações da falsa glória, arrastado por esta para uma agitação (pois nem actividade se lhe poderá chamar) que demorou e, em parte, impediu a sua realização íntima e diminuiu a sua criação.

Também só assim poderemos julgar com justiça cada uma das Obras realizadas, considerando a fase da vida em que foram feitas. Principalmente aquelas, iniciais, que pertencem a uma fase de formação e de ainda imperfeita posse das suas qualidades próprias de alto e original Poeta.

É precisamente o contrário o que se tem feito, no louvor ou na censura, na consideração das influências reveladas (e superadas, logo que foi atingida a maturidade) e na definição do seu pensamento poético.

Guerra Junqueiro teve uma precocidade assombrosa do poder expressivo mas que, muito perigosamente, não foi acompanhada por igual precocidade na formação, independente e própria, de um corpo de ideias pessoais sobre a Vida e o Mundo, e na definição, íntima, e segura, da sua mensagem de Poeta e da *alma* da sua Poesia.

Mas o poder do seu talento expressivo foi tão forte desde o seu primeiro vasto Poema, '*A Morte de D. João*', que baralhou as perspectivas naturais de uma justa avaliação, iludiu os Críticos, suscitou admiradores e opositores fanáticos e lhe deu a glória (fal-

sa glória) antes mesmo do Poeta se ter realizado a si próprio com a grandeza que requeria o seu génio muito pessoal.

Isto, em vez de apressar, demorou a sua natural evolução e durante anos a transviou, alargando a fase de formação e também de submissão a uma ideologia alheia e a todas as solicitações do êxito e do mau gosto e baixo pensamento do público.

Isto demorou mesmo a realização da sua forma pessoal, de autêntico e muito complexo Poeta, e não de *orador*, como erradamente escreveu Moniz Barreto.

Publicando, em 1889, o seu ensaio '*A Literatura Portuguesa Contemporânea*' (ensaio cujo real valor tem sido muito exagerado e cujos erros, graves, têm dado motivo a outros muito piores), Moniz Barreto apenas considerou dois dos três volumes já então publicados por Guerra Junqueiro, esquecendo precisamente aquele, '*A Musa em Férias*' (editado em 1880), que melhor definia a originalidade e valor do Poeta Guerra Junqueiro e mais claramente indicava as naturais diretrizes da sua própria e independente evolução. Daqueles dois livros a que se referiu, sem análise séria nem justa, '*A Morte de Dom João*', de 1874, e a '*A Velhice do Padre Eterno*', publicado em 1885 mas (segundo repetida e parece que segura indicação do Poeta) realizado em 1879, também Moniz Barreto, iludido por seu poder expressivo, não viu, ou não ousou dizer, que se tratava de livros de um Poeta em formação, ainda sem a completa posse das suas qualidades.

Talvez por isto lançou a depois, por outros, muito repetida oposição entre o Orador e o Poeta, dizendo Junqueiro falto de imaginação e muito eloquente. O que deveria ter dito é que nas múltiplas qualidades naturais de um Poeta, e sempre existentes num grande Poeta (em proporções, graus e combinações sempre diversas) a eloquência (absolutamente necessária) ainda tinha no grande Poeta Guerra Junqueiro a absoluta primazia, não sobre a imaginação, que já nele era igual ou maior, mas sobre o pensamento poético e as disciplinas a que leva um forte pensamento pessoal e a meditada realização, e que necessariamente conduzem a uma densidade, a uma contenção e aprofundamento da eloquência.

Não viu ou não disse que esse Poema '*A Morte de D. João*', escrito aos vinte e dois anos, era uma obra da fase de formação e sobrecarregado, naturalmente, ainda, com muitas influências. E, entre elas, precisamente a maior era a da incontidência verbal, do torrencialismo e diluição prolixa do pensamento com que triunfava no grande público o Poeta francês Vítor Hugo.

Pior, porém, é que, desde então até hoje, ao considerar-se a influência de Vítor Hugo sobre Junqueiro, se não diga que ela foi uma influência recebida na juventude, ao mesmo tempo boa e má quanto à forma, e neste aspecto em breve superada e quase anulada, quando o Poeta chegou à sua maturidade, e péssima e mais demorada quanto à ideologia, servindo apenas para contrariar a realização do pensamento poético, verdadeiro, pessoal e muito alto de Guerra Junqueiro. Muito pessoal e muito mais alto e incomparavelmente mais sincero do que foi o pensamento poético, existente mas

pouco profundo e sempre diluído em torrencialismos verbais, do Poeta francês Vítor Hugo.

Também Moniz Barreto, na sua Crítica, duplamente errava negando a Junqueiro a imaginação épica (que já se adivinha claramente no poema 'A Morte de D. João') e supervalorizando «a aptidão de sarcasta» do Poeta, em verdade nele grande mas secundária, por não requerida por um pensamento essencial de Satírico e contrariando a sua natureza, sentimental e piedosa, e a sua concepção, naturalmente religiosa e mística, da Vida e da Morte.

Se as erradas opiniões do mais lúcido Crítico do seu tempo de juventude tiveram qualquer influência sobre Junqueiro (o que não custa a crer) podemos considerá-las um dos motivos, embora secundário, do abandono da sua mais natural realização, o grande Poema Épico, já então concebido, 'Prometeu Libertado', esse Poema que deveria ter sido o coroamento e a verdadeira Obra perene da sua primeira fase de grande Poeta, muito complexo mas essencialmente, e com toda a complexidade necessária, um Poeta Épico.

Mas bem pior que a dúvida sobre as suas qualidades mais próprias e altas e verdadeiras, foi a continuada sugestão do êxito e da falsa glória. Foi isto principalmente, e de certeza, o que lhe impediu a meditação, necessariamente longa e calma, da Obra que deveria ser a natural e perfeita realização do seu génio e da sua vida moral, do seu talento e da sua arte, e a expressão das verdadeiras e profundas ansiedades e esperanças da sua época e do Movimento Espiritual que a animou, e em sua máxima virtude e altura, e não da forma que lhe deu, para o vulgo e ecoando as paixões do vulgo e dos pensadores mediocres, o grande poder verbal do Poeta francês Vítor Hugo.

Foi a falsa glória que levou um Poeta sincero e grande (necessariamente, por isso, respeitador de toda a verdadeira grandeza) a troçar da Religião e da Igreja, e da concepção teológica (de imortal grandeza, quando mais não seja) do Universo e da Vida Humana. E a fazê-lo contra a sua íntima verdade, a sua aspiração de regresso a uma paz religiosa que vivera na infância e lhe foi toda a vida o perdido paraíso. Em oposição, também, absoluta e nefasta, com o seu pensamento religioso, não-Católico, mas Deísta e, a seu modo, Cristão, aquele Panteísmo Cristão que afirmou ser a sua verdade, contraditória e mal definida, é certo, mas que poderia animar uma grande Obra Poética, perfeita em seu todo, grandiosa em sua vastidão e humanidade, e não os fragmentos, embora geniais, que nos legou.

Assim, poderia ter sido Guerra Junqueiro, não apenas o grande Poeta, que foi, mas um dos maiores senão o maior Poeta Épico do grande movimento espiritual do Romantismo.

Guerra Junqueiro pertence à segunda geração daquela fase, mais alta, do Romantismo, que em Portugal foi iniciada por Antero de Quental, daquele Segundo Romantismo Português de que foi um dos mais profundos e mais característicos representantes.

A sua precocidade uniu-o, porém, mais estreitamente do que lhe seria natural, pela data do nascimento, à última geração do nosso Primeiro Romantismo e em especial a um dos seus maiores Poetas, Soares de Passos.

É o que se poderá notar, explicando a sua verdadeira formação, ligada, muito íntima e naturalmente, a uma evolução literária nacional, na análise, ainda não feita, dos seus Poemas anteriores a 1870.

Um desses Poemas, '*Baptismo de Amor*', tem um alto significado. Sem valor perene de Poesia, essa Obra, escrita com menos de dezoito anos, é indispensável para se compreender a natureza íntima do Poeta e a formação do seu espírito.

Publicada em 1868, não revela a mais leve influência das '*Odes Modernas*', de Antero de Quental (publicadas em 1865) nem do chamado Movimento de Coimbra, nem de quantas estranhas e altas influências por ele foram assimiladas e transcendidas. Liga-se directamente, por seu tema e a sua forma e sentimento, às Obras das últimas gerações do Primeiro Romantismo. E por um seu genial representante, Camilo Castelo Branco, foi o Poema apresentado e louvado.

Revelando embora naturais e fortes características de uma grande imaginação de Poeta Épico, no sentido verdadeiro e lato da palavra, não pode esse Poema, por sua concepção geral muito ingénua, interessar-nos hoje. Talvez por isso, mas muito erradamente, se não tenha ainda estudado a sua importância na génese do Poema '*A Morte de D. João*', nem o que ele significa e importa à definição do verdadeiro espírito do Poeta e do longo drama religioso de toda a sua vida.

A *história* vivida por um personagem, não nomeado, e narrada nesse Poema exprime um dos temas fundamentais do Romantismo. E o seu *conflito* é resolvido, conforme o espírito da geração de Soares de Passos e de João de Deus, pela vitória do Anjo do Bem sobre o Anjo do Mal.

As torturas de um enjeitado pela Sociedade culminam numa desgraça de amor, *baptismo* para maior desgraça, a da absoluta descrença, filha da injustificável dor padecida. É o problema do Mal e da *injustiça* de Deus porque, Omnipotente, o permite. Problema eterno das almas religiosas sem uma Fé segura.

É o problema, muito sério, que faz dizer ao personagem:

«*Bradei: Se Deus é injusto, então Deus não existe*».

Mas, afirmando a revolta, de muito ano, de um homem tornado forte pela desgraça absoluta, acaba o Poema pela sua conversão,

dentro de um templo, ao ver uma figura de crença e doloroso amor (uma alma *simples* de crente, já) e pela vitória do *anjo bom* e o pedido, humilde e ansioso, do perdão de Deus.

Revela-nos, assim, este Poema que a Crença Católica não foi apenas a da infância, mas também a da juventude e a da própria formação espiritual de Guerra Junqueiro, e com a intensidade profunda que corresponde ao pensamento religioso do Primeiro Romantismo, por ele ainda vivido.

Mostra-nos o verdadeiro Espírito e adesão íntima de todo o sentimento que impuseram o tema real do Poema 'A Morte de D. João', tema a que se sobrepôs um outro (aliás menos alto) de simples aparência e superficial intuito, não cumprido, mas que determinou o seu desvio e lhe deu o título.

A maior parte do Poema 'A Morte de D. João' e, em proporções ainda mais significativas, da *história* do herói, excluída que seja a «Introdução», repete a história do 'Baptismo de Amor' até à entrada no templo. Repete-a exactamente, embora elevando-a com um novo poder poético e com o aprofundamento dos temas secundários, todos, no entanto, idênticos.

A este novo Poema de um outro vencido pela desgraça, de outro revoltado e vítima do Mal e da injustiça, quis Guerra Junqueiro dar uma conclusão diferente, a da terrível degradação, no vício, do homem que, ferido em seu amor, errado ou impossível, se entregou à volúpia cruel e à orgia. Mas apenas o realizou em três episódios finais da última parte de um Poema que se vê bem não ter nascido da ideia geral afirmada posteriormente. Esta corresponde ao tema secundário, imposto ao primeiro, sem natural sequência, sem lógica explicação nem a narração do longo tempo, de abandono da Crença e da Moral, que levou este vencido não à conversão, mas também não às lutas do pensamento e ao drama, vivido e alto, da dúvida, apenas à degradação e à morte pela fome.

A conclusão só é, porém, anticristã na recusa de uma sanção superior para o pecado, o erro, o vício e o crime, e da força redentora de uma ideia religiosa ou de um simples arrependimento. E a isto não aderiu o Poeta, caracterizando por esse modo o seu personagem, que é um vencido. O incrédulo e impenitente, que recusa mesmo o sentimento do remorso, é o seu personagem, D. João, assim não diverso do que antes representara na Literatura essa figura-símbolo. Mas, rebaixando-o até à máxima degradação e vileza, não se exaltava o rebelde.

Sem erro pôde o Poeta considerar este seu Poema uma Obra religiosa e mesmo *cristã*. É-o na sua concepção geral, embora muito imperfeitamente realizada. É-o no seu pensamento, embora mal estruturado. Mas o que nele viu e admirou um *público avançado* e sedento de revolta e demolições, e o que, em excesso e pouco firme e lúcidamente, censurou e combateu outro *público*, não melhor, foi a violência do negativismo, da descrença e do vil mas corajoso cinismo do personagem.

E também, com melhor inteligência e toda a justiça, na lógica da admiração ou da censura, o Deísmo revoltado contra a injus-

tiça do Mal. Um Deísmo e um vago mas intenso Cristianismo, sem metafísica, e contrário à Religião de Cristo e à Igreja, que informam o espírito e determinam as afirmações do longo Poema Lírico, de alto poder expressivo mas incerto pensamento, que constitui a «Introdução» ao Poema Épico, antes e melhor verdadeira meditação do Poeta.

Tem este Poema Lírico o valor principal de claramente definir a profunda crise religiosa que nesta fase da sua vida sofreu o Poeta Guerra Junqueiro. Crise religiosa sincera e em nome de princípios com nobreza moral — a revolta da alma justa perante as injustiças e a dúvida que nasce do problema da existência do Mal. Crise religiosa da juventude (o Poema '*A Morte de D. João*' foi escrito aos vinte e dois anos) e crise intensa e já sob a influência do Segundo Romantismo Português, de Antero de Quental em particular, e da parte revolucionária e anticatólica do Romantismo Francês.

A partir, pelo menos, de 1870, entrechocaram-se no espírito de Guerra Junqueiro as mais fortes e, em parte, contraditórias influências. Só para o seu estudo convirá considerar os dois Poemas '*A Vitória da França*' e '*A Espanha Livre*'. O Poema '*A Morte de D. João*' revela-as claramente, mas também nos mostra como foram combinadas e assimiladas para a realização de uma forma já, em parte, original e de um pensamento poético ainda vago e incerto mas tendendo para uma afirmação muito pessoal e alta. E de ambas essas realizações há no longo, inútilmente longo e diluído, Poema '*A Morte de D. João*' algumas Poesias perfeitas e numerosos trechos ou simples versos de alta e perene beleza.

Pedir a este Poema de juventude mais do que isto, parece-me errado. E profundamente injusto querer, pela incerteza das ideias, as faltas de lógica e as falhas de clareza e propriedade na expressão, existentes neste Poema escrito aos vinte e dois anos, ainda que emendado na 3.^a edição (de 1882), julgar o Poeta que tão poderosamente se afirmava mas não era ainda um Poeta feito e na plena posse das qualidades e do pensamento próprio que tão altamente veio a revelar-se.

Depois da crise religiosa de que é expressão, forte mas imperfeita, o Poema '*A Morte de D. João*', é que deveria ter-se dado a meditação profunda e séria, longa, se necessário, sincera e independente das solicitações da falsa glória, com a natural resultante, um grande Poema Religioso, de revolta, porventura, mas nobre e alta expressão do verdadeiro génio do Poeta e das suas ideias e sentimentos pessoais e profundos. Essa meditação, que requeria o silêncio e a solidão forte de uma grande vida interior, foi contrariada pelas nefastas solicitações da falsa glória e de um êxito excepcional.

Não realizou, por isso, o Poeta, o aprofundamento, que lhe era inteiramente possível, da ideia geral entrevista ao findar o Poema '*A Morte de D. João*' ou, antes e melhor, ao reviver nele, mais intensamente do que antes, o problema do Mal, a revolta do justo e o problema da Divindade. Por falta desse necessário aprofunda-

mento, com adesão de todo o seu espírito à necessidade poética de o viver e criar, se manteve e afinal deixou de ser realizado o vago plano, de ideias bastante ingénuas, que nos é indicado em nota ao Poema '*A Morte de D. João*' e com que este, a bem pensar, nada poderia ter.

O plano quedou-se apenas, mas é muito, isto, como significado, na ideia de destruir o Mal e de «afirmar a Justiça encarnada em duas figuras sublimes: Cristo e Prometeu». Encarnar a luta contra o Mal no semideus Prometeu e no Deus-Homem, Jesus Cristo (ainda que assim não fosse compreendido ou confessado), era de verdade o caminho para a realização de um Poema eterno, alto, profundo e sério, a ideia natural e genial do novo espírito romântico, a que ascendera o Poeta.

O Poema de '*Prometeu Libertado*', e libertado por Jesus, tal como foi concebido, e se nos revela no plano e fragmentos publicados em 1926, deveria e poderia ter sido a obra genial capaz de exprimir os grandes problemas religiosos, tão intensa e continuamente vividos por este grande Poeta, a existência do Mal e da injustiça, a luta, através da História Humana e no plano sobrenatural, por todo o Bem e toda a Justiça.

Essa Obra, de que somente nos ficou um plano incompleto e alguns versos, poderia e deveria ter sido o grande Poema Épico-Religioso do Segundo Romantismo.

As solicitações da falsa glória, o abandono ao êxito fácil perante um público ignaro, não permitiram que fosse aprofundada e desenvolvida a iluminação genial do Poeta ao concebê-lo. E impediram uma realização para a qual não faltavam a Guerra Junqueiro as qualidades poéticas necessárias.

Faltou-lhe, porém, uma qualidade sem a qual elas são inúteis: o heroísmo, que contra tudo e todos realiza, no trabalho persistente, os Poemas necessários ao génio do Poeta, sem uma transigência com o que os outros esperam ou aplaudem.

Refere Luís de Magalhães, no «Prefácio» à publicação, do esboço do Poema '*Prometeu Libertado*', as palavras de angústia com que, no fim da vida, Guerra Junqueiro lamentava a frustração de uma Obra para qual sentira em si todas as qualidades. Mas verdadeiramente o momento de a realizar, na década seguinte à da publicação do Poema '*A Morte de D. João*', passara então há muito.

Devia ser antiga em Junqueiro aquela angústia do Génio, mil vezes pior do que a desgraça e a morte.



A ideia de um Poema sobre a '*Morte de Jehovah*', considerado, com muito simplismo, o paralelo de '*A Morte de D. João*' e neste livro anunciado, era em absoluto contrária ao sincero e intenso Deísmo de Guerra Junqueiro.

Não creio que tenha sido sequer concebido e planeado esse Poema. Nem ele era necessário, pois que também o tema da morte

de um Deus que fosse a figura simbólica da universal Injustiça e da Tirania, estava implícito na concepção geral do Poema de Prometeu libertado por Jesus.

A '*Morte de Jehovah*' ou a '*Morte do Padre Eterno*' ou qualquer morte de um Deus, só deveriam, aliás, ser motivo de Poema de um Poeta que fosse o firme sequaz de uma Filosofia materialista, homem sem nenhuma crença metafísica, fanático da Ciência e negador do Sobrenatural. Esse Poema realizou-o Gomes Leal, em sua fase anti-religiosa, com o Primeiro '*Anti-Cristo*', publicado em 1884, e a que, diga-se de passagem, o Segundo '*Anti-Cristo*' (porque se trata de outro Poema) deu conclusão inteiramente diversa, com a vitória de Cristo, o derrubamento do rebelde e a catástrofe da Idade Científica.

Guerra Junqueiro nunca foi um materialista. Nunca deixou de ser um Deísta profundamente convicto. Nunca foi, no sentido lato da palavra, um anticristão. Não podia fazer, com sinceridade e adesão verdadeira da sua alma e do seu génio, e com grandeza e valor, portanto, o Poema, anunciado repetidamente, da '*Morte do Padre Eterno*'. E não o fez de nenhum modo.

Arrastado, porém, pelas solicitações da falsa glória que lhe fora criada em volta do aparente negativismo, do brilho formal e do vago pensamento do Poema '*A Morte de D. João*'; contrariando a sua alma e crenças Deístas e o seu próprio génio, fez e publicou mais fácil mas bem pior coisa: o volume de Sátiras '*A Velhice do Padre Eterno*'.

O conjunto dessas vinte e sete Sátiras é muito inferior. A Sátira sem justiça (e de um homem que afirmava a Justiça como princípio da eterna luta do seu Espírito e razão da sua violência!) redonda sempre num fracasso, qualquer que seja o talento satírico e o poder expressivo que a realiza. Ofender a grandeza (quando mais não fosse humana) da Igreja, chalacear com as Crenças, considerar a Religião e o Pensamento e Filosofia Cristãs, os Santos e os Mártires, os Sacerdotes e os Missionários, um motivo de brincadeira, não é sequer realizar uma Sátira, mesmo injusta, mesmo sem beleza, mesmo condenável. É ser vencido como Poeta. É abandonar-se um espírito superior ao primarismo dos folhetos ridículos de propaganda anticlerical.

Era, no caso de Guerra Junqueiro, contrariar o seu próprio génio, crenças, sentimentos, ânsia de justiça, elevação espiritual. Por isto, da sua derrota resultaram essas baixas Sátiras sem qualquer valor humano ou poético, apenas sustidas por um grande talento verbal, mesmo esse, no entanto, e bem naturalmente, diminuído, por desacordo com o génio do Autor.

Esta Obra, publicada em 1885, afirma-a o Poeta já realizada em 1879. E realmente nesse ano fora feita a publicação da Poesia '*O Melro*', que nela se integrou e na qual, nos trechos de exaltação panteísta da Natureza, alguma coisa de belo foi criado.

O conjunto das Sátiras nem precisa da alheia condenação. Deu-lha, e absoluta, o Poeta.

Não me refiro às, tardias mas não menos valiosas, afirmações

condenatórias que escreveu numa nota, de 1921, ao artigo 'O Sacré-Coeur' publicado nas 'Prosas Dispersas'. Refiro-me à Introdução do Livro 'A Velhice do Padre Eterno', o belo, sincero e quase sempre alto Poema de dedicatória 'Aos Simples'.

Nele se reafirmam o Deísmo e o Cristianismo, vago embora, que foram o mais constante pensamento do Poeta. Nele se exprime, com um novo e mais pungente aspecto, o drama religioso da sua alma — o da crença perdida que jamais pôde esquecer. Nele o próprio Catolicismo se mostra a perdida felicidade e a saudosa paz espiritual da sua infância, nunca renegada, e se exaltam as almas *simples* que não perderam a Crença. E embora o Poeta se afirme contrário à Igreja e Doutrina Católicas, a condenação terrível das suas Sátiras está na declaração, logo imediata, de que é um crime imperdoável roubar às *almas simples* essas crenças que representam igualmente para a sua alma tudo o que há de belo e puro.

O final deste Poema, 'Aos Simples', é duma grandeza poética genial, mais alta ainda que a bela invocação da crença da sua infância e da saudade, imensa, do amor materno. A sinceridade profunda, e contrária ao desejo exterior do Poeta, fez-lhe conceber aquela imagem, sentida e admirável, da alma simples acariciada por Deus, com que termina o Poema.

Parece-me admissível supor que este belo Poema Lírico, 'Aos Simples', seja pouco anterior à publicação, em 1885, do volume, que ele abre e condena. Vejo nele, de qualquer modo, a génese do Poema 'Os Simples', o início, portanto, de uma nova fase da Poesia verdadeira de um grande Poeta.

Isto mostra, igualmente, o grave desvio da evolução natural de Guerra Junqueiro, após a sua primeira crise religiosa, e a insinceridade que, embora não consciente, há no fundo último das Sátiras de 'A Velhice do Padre Eterno'.

Inteiramente sincera, nobre e muitas vezes profunda considero, ao contrário, a íntima contradição que constitui a mais humana beleza do conjunto de Poesias reunidas no livro 'A Musa em Férias', publicado em 1880.

O título do volume justifica-se pelo predomínio de Poesias em que ao pensamento poético foi preferida a simples realização artística, o gosto de narrar, a sátira literária, o divertimento verbal, aliás quase sempre gracioso e nobre, mesmo no exagero. Natural e não desvalioso exercício de um Poeta jovem que sentia o seu poderoso talento verbal e procurava dominar inteira e muito pessoalmente o verso, essas Poesias alcançaram por vezes a perfeita beleza, embora não a beleza profunda. Mas procuravam-na. E ela foi alcançada, por exemplo, na bela Sátira que se eleva, no final, a uma grande beleza de exaltação lírica da paixão verdadeira do Poema intitulado: 'Amor'. E não é também de esquecer o perfeito conto em verso, 'Tragédia Infantil', em que todo o poder expressivo e o talento verbal servem uma penetrante observação psicológica.

Mas o valor do livro 'A Musa em Férias', na evolução do pensamento poético de Guerra Junqueiro, está naquela indicada contradição íntima de alguns dos Poemas, entre uma tendência para

um Panteísmo otimista, com aceitação e entrega, mesmo pela dissolução do Ser individual, à sua força e beleza, e a tendência para um Deísmo quase Cristão, de um Deus que é a suprema Consciência e a Eterna Providência e de que é intercessor Jesus e caminho de compreensão a Crença Cristã.

O Deus-Providência é reafirmado mesmo após os *combates* da razão (nos Sonetos '*Ruínas*') e a exaltação da Ciência (poesia '*A Musa*') e o Deus-Consciência, Deus-Pessoa, na Sátira, imperfeita mas por vezes muito alta, '*O Crime*'.

A contradição entre Panteísmo e Deísmo Cristão e até, por vezes, uma reunião, contraditória, da ideia Panteísta e do Cristianismo mantiveram-se através de toda a Obra de Guerra Junqueiro. De uma e outra forma se opôs sempre ao pensamento materialista, ao Mundo sem sentimento da Divindade, à Época Cientista e à Sociedade Burguesa (no sentido injusto e pejorativo mas comum da palavra) em que vivia.

E não é sem um alto significado a sua Sátira, uma das mais fortes e perfeitas, '*No Boulevard*', que de certo modo corresponde ao plano do canto IV do esboço do Poema '*Prometeu Libertado*' e à ideia do Poema independente, '*O Deus Milhão*', anunciado na segunda edição do livro '*Finis Patriae*', em 1891.

Algumas das '*Poesias Dispersas*', publicadas em 1920, melhor esclarecem aquela já referida contradição e mais altamente exprimem uma e outra concepção e duplo sentimento vivido.

Esse Livro, em que se reuniram Poemas de três fases sucessivas do Poeta, não tem sido, ao que sei, devidamente considerado no conjunto da sua Obra. Errada e injustamente porque eles, com poucas exceções, têm alto valor e significado e alguns são das mais sentidas e nobres, das mais profundas e belas realizações do Poeta. Uma das mais altas, um dos cimos da Poesia de Guerra Junqueiro, o Poema '*Confissões*', mostra-nos toda a evolução do seu pensamento poético entre 1878 e 1884 (datas indicadas), isto é, na fase em que foi concebido e começado e deveria ter sido feito o Poema de '*Prometeu Libertado*', cuja ideia fundamental, mas só na expressão lírica do sentimento do Poeta, ele resume.

Mais trágica é, por isso, a dolorosa, bela, profundamente bela, visão do seu *passado*, túmulo a que vai acordar todas as suas *ilusões*, os fantasmas de tudo o que ele foi e de tudo que sonhou o seu génio.

Esse tumulto dos fantasmas de que se não libertou nos Poemas que exigiam, mas lhe permitiu um dos seus mais altos surtos líricos, esse tumulto da suprema dor do Génio não o dominaram sequer (não o poderiam nunca dominar) a felicidade e a paz encontradas no amor conjugal e paterno, que tão belamente cantou em Poemas escritos entre 1882 e 1887, mantido amparo, depois, de toda a sua trágica e dolorosa vida.

Para a sua nova e alta mas incompleta paz sentimental, e regressando à terra do seu sangue e da sua infância, levava o grande Poeta a visão trágica do Mundo em que combatera, a visão do Mal a que não pudera opor o Poema de redenção.

O conflito natural entre dois sentimentos, igualmente profundos, o da satisfação generosa, no amor, no lar e na terra ancestral, e o da insatisfação, ainda mais generosa, por todas as dores vistas e sofridas e pela falta de uma paz espiritual e religiosa, são as forças geradoras da sua mais alta fase de Poeta.

Os Poemas reunidos no volume de '*Poesias Dispersas*', que são datados expressamente de 1888 e 1889 e outros, do mesmo espírito, que a esta época devem pertencer, têm, além da própria beleza, um alto significado. Esclarecem o estado subjectivo do Poeta na época da criação do grande Poema '*Os Simples*' e acompanham-na e completam-na.

O Poema, inacabado, '*Romaria*', mostra a íntima ligação entre as duas visões da vida rural, a trágica e a pacificante e feliz. Esta seria, com predomínio, a de '*Os Simples*'; aquela a desse Poema incompleto, mesmo assim belo, e que tão alto poderia ter subido na opposição da terrível dor dos homens à paz da Natureza, vitória sobre o vago Panteísmo do Poeta. Desse Poema e também dos que naturalmente se lhe reúnem mas inclui num outro Livro, em que de novo se transviou o seu génio, o Livro, por isto sem unidade nem altura, '*Finis-Patriae*'.

Os primeiros quatro Poemas deste Livro só indirectamente se ligam aos restantes de que a sua nobreza de pensamento e perfeita e integral beleza poética igualmente os separam.

São a imagem opressiva dos males humanos, na cidade ou nos campos, e, assim compreendidos, mesmo o seu exagero se explica e a sua beleza na visão escura equilibra e engrandece a visão clara, predominante, mas não exclusiva, de '*Os Simples*'. É o que melhor esclarece o belo Poema '*In Pace-Finis*' (com a data 1889) junto às '*Poesias Dispersas*'. Nele o *panteísta cristão* (como ele diz e mais justo será dizermos nós o Cristão que vai progressivamente vencendo o Panteísmo na alma do grande Poeta) é o Homem que fora de si vê a desgraça e dentro de si a piedade. O Homem que pôde escrever:

*«Guia-me apenas, distante,
A luz ingénua da Crença,
Vaga nebulosa errante
Nas trevas da noite imensa...»*

E este é, afinal, o melhor comentário à nova fase do Poeta e à elaboração natural do seu grande Poema '*Os Simples*'.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Ordem de Serviço de 20 de Novembro de 1944

Recomendo que nos documentos a expedir por este Ministério os diversos Institutos e Serviços sejam designados por extenso, preterindo-se o confuso e inexpressivo sistema das iniciais. No «Diário do Governo» nenhum diploma será publicado com aquela forma de abreviação. — CAEIRO DA MATA.

A en hi' d'ipella altum per a medianta,
Um fudo a hater, com oritura
Nunq' com suas ventosada aperta!

Um ras, oh du anel! oh du mercurium!
Estuante muplicar predicta, chosra predicta,
Et' du anis tristissima deicta!

Ma ^{vertia} ~~classe~~ lupinus predicta, prunes...
Nunciam utellor como flavo,
Cautius de bimus e de roas...

Them Den em rudo e meus clamor!
Ellis pravam meus eximio in balancu
Lue n' tem othor de luz, o' ellor du Daz!

Tal em feto rorudo d'una lencu,
~~Que em do elegancia e gloriana,~~
~~Amoribus abim e conia tu,~~
Lue em toncãõ eterna gloriana,
Um abino, um noiti e um rpranca!

Facsimile de alguns tercetos da 'Pátria', original de Junqueiro

O doado, um segundo?

As luzes d'alma renasci de flores
Uma encosta direita ao pé do mar:
Cravos, lírios, jasmims, coiros, amores,
Aduncens e rosas de toucan.
A recta linha verde e trepudiosa,
Elle chonheira, fluviana, romanesca...
Lindo jardim! lindo poema!
Como no monte não havia fonte,
Derretia a chova para o verde...
Depois, oh meus festões!
Tuchi de abelhas d'ouro com entões,
E das pombeas com pombeas de luz...
Olha o lindo jardim! olha o lindo poema
E enxada ao hombro, já raiava e amora,
Malta a cantar!...

Outra página do autógrafo original da 'Pátria', de Junqueiro



SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO

UMA ESQUINA DA HISTÓRIA LITERÁRIA Pode bem dizer-se que em 1890 o naturalismo literário português está já tocado pela morte. O seu conteúdo estético, moral e sociológico, o seu programa de acção individual e de reforma colectiva encontram-se esvaziados de todo o atractivo dinamizador. Dele se afastam notôriamente as novas gerações e — o que é mais grave ainda — os seus próprios fundadores, as suas figuras mais representativas sentem, como sucedera a Taine ao acabar de ler o romance célebre de Bourget, que a sua hora passou e que só resta, aos que o puderem fazer, mudar inteiramente de rumo, após mais ou menos discreto exame de consciência.

Mas a fase de transição entre a escola agonizante e o ideal que já bruxuleia, nessa altura, no horizonte da incessante renovação espiritual, não encontrou ainda, que me conste, quem procurasse desenhar por completo os seus contornos, aliás, sob certos aspectos, bastante vagos. Há, na verdade, ensaios, esboços, tentativas de análise, entre os quais se destacam sem favor, como valioso elemento de estudo, as monografias do Prof. Feliciano Ramos. Suponho, todavia, que não se tiraram ainda do desabrochar, entre nós, do simbolismo, do neo-espiritualismo e do nacionalismo literários todas as lições que ele comporta, nem, possivelmente, se focaram integralmente todos os múltiplos aspectos que ele apresenta. Estamos longe de aspirar a que, pela nossa pena, um dia a matéria fique completamente esgotada, tão vasta ela é e tão rica de sugestões. Anima-nos, no entanto, o propósito modesto de, quando isso nos for possível, tracejar um panorama geral desse dobrar de esquina da História das nossas Letras, debuxar com um pouco de demora um ou outro perfil que merece recordar-se (que esquecidos estão Luís de Magalhães, Manuel da Silva Gaio, Jaime de Magalhães Lima!) e extrair dum punhado de obras que tiveram sensível influência no escol português a contribuição positiva que inegavelmente deram à marcha lenta, penosa e por vezes ziguezagueante, do Ressurgimento.

A primeira coisa que fere quem se debruça a estudar esse capítulo quase abandonado da crónica literária do nosso século XIX é o flagrante contraste que existe entre a espectacular entrada em

cena do naturalismo, com a impetuosidade da *Questão Coimbrã* e das Conferências do Casino, e a sua retirada, quase envergonhada, do primeiro plano da vida intelectual, cedendo, sem luta, os seus redutos, não a um grupo, mais ou menos homogêneo e ligado pelo culto do elogio-mútuo, como havia sido a denominada geração de 70, mas a valores individuais isolados, confinados, cada um deles, no seu casulo de poetas, de romancistas, de críticos ou de eruditos. É que, na verdade, o realismo era já então um cadáver insepulto, e os seus epígonos, se queriam salvar, ao menos, a alta reputação literária que os aureolava, tinham que se adaptar a novos moldes de pensamento e de expressão, de estilo e de sensibilidade, fazendo doutra forma o que Camilo fizera, constrangido pela maré-alta da *Ideia Nova*, ao consentir que alguns dos seus romances surgissem a público rotulados da forma aliciante como se haviam imposto o '*Eusébio Macário*' e '*A Corja*'. É neste ângulo que convém observar a metamorfose queirosiana dos seus últimos anos (e a que não foi alheia de todo, como já aqui vimos há pouco, a benéfica influência de Eduardo Prado) e que se define esplendorosamente na '*Ilustre Casa de Ramires*', na '*Cidade e as Serras*' e nas '*Lendas de Santos*'.

Com a sua costumada antevisão das ideias e dos factos, já Antero, em carta a Ferreira Deusdado, proclamara, em 1888, que «a metafísica e o espiritualismo só poderão ser destruídos quando ao mesmo tempo forem abolidas a razão e a consciência humanas». E, assim, do Poeta genial dos '*Sonetos*' brotaria uma das fontes que viria a alimentar, por algumas décadas, a inspiração de quantos se não resignavam a viver literariamente no cárcere estreito, já asfixiador, do naturalismo. Mas é certo também que grande dose do pessimismo, em relação às possibilidades nacionais, que serviria de pão quotidiano a muitos dos valores nascentes (e de que o '*Só*' é, até certo ponto, expoente bem vincado) é no desalento patriótico de Antero, como na crítica corrosiva do Oliveira Martins da '*História de Portugal*', que lhe devemos procurar a origem. «*Pobre Portugalório*», «*Infame Portugal*», são expressões, tremendamente infelizes, onde se entroncam os desabafos trágicos de Nobre: — «*Ai do lusiada, coitado!*», «*Que desgraça nascer em Portugal!*».

É, pois, perante o quadro irremediavelmente decadente que da Pátria debuxavam os valores representativos do tempo que as '*Palavras Loucas*', de Alberto de Oliveira, e o seu neo-garretismo salutarmente renovador assumem, na realidade, um significado transcendente. Essas páginas marcariam um estágio fundamental na reacção nacionalista, até aí apenas timidamente esboçada à sombra do exemplo de Ramalho, então já em busca de caminhos mais seguros para as suas passadas de gigante sedento de certezas construtivas. Viria, depois, '*O Culto da Arte em Portugal*' e a seguir o famoso e esquecido artigo '*A Tradição*', publicado num simpático semanário serpense, e que é quase o *mea culpa* do revolucionário desabusado de '*As Farpas*'. Singular destino o da herança de Garrett! Ela iria alimentar, no sentido das «velhas e boas ideias» — como diria o Jacinto de regresso a Tormes — três gerações sucessivas de literatos, consubstanciadas em três dos seus discípulos

mais fervorosos: — Ramalho Ortigão, Alberto de Oliveira e António Sardinha.

Mas o tema é tão largo e o espaço é tão pouco... Todavia, que atraente assunto de genealogia crítica a tratar na maneira sugestiva de Thibaudet!

VINHO, «O vinho é um problema cósmico» — diz Ortega
LITERATURA y Gasset numa das suas mais curiosas páginas. E
E HISTÓRIA acrescenta: — «É um problema tão grave o do
vinho, tão verdadeiramente cósmico, que a nossa
época não pôde passar junto dele sem lhe dar atenção e resolvê-lo
à sua maneira. Sim, a nossa época tomou também posição ante o
problema do vinho, uma posição higiénica. Ligas, legislações, im-
postos, trabalhos de laboratório — quanta actividade e preocupação
não vai hoje incluída nesta palavra *alcoholismo?*» E o filósofo espa-
nhol desenvolve o seu tema tomando para pretexto três quadros
do Museu do Prado, três obras-primas da pintura antiga, em que o
vinho e os seus efeitos servem de motivo central ao génio de três
dos maiores pintores que o Mundo tem admirado. Esses quadros
são a *Bacanal*, de Ticiano, a *Bacanal*, de Poussin e os *Borrachos*,
de Velásquez.

Ora, se o vinho é um problema cósmico, um assunto universal
com raízes profundas no seio da Natureza e no íntimo da alma hu-
mana, compreende-se bem que a Poesia, a Filosofia e a Arte o
tenham interpretado, no decorrer das idades, ao sabor das modas e
ao clarão das doutrinas. E mais para lamentar é, portanto, que,
entre nós, — país vinícola por excelência —, se não tenha dado ao
caso o interesse capital que, na verdade, ele tem. Assim, por exem-
plo, quem se preocupou já em inventariar e estudar todas as obras
de arte que ao génio português têm sugerido a cultura das cepas,
os trabalhos da vindima, os prazeres, sóbrios ou imoderados, que o
vinho proporciona à nossa gente? E, todavia, sabe-se que, desde as
iluminuras do *Apocalipse*, de Lorvão, aos *Bêbados*, de Malhoa, exis-
tem belos e numerosos espécimes picturais, criados sob a sugestão
do papel que em Portugal representa o vinho, desde que desabrocha
em cachos nas encostas ou nas latadas da nossa terra até que, per-
fumado e luminoso, se serve nas nossas mesas.

Outro tanto acontece com a literatura. Onde existe um com-
pêndio da poesia báquica portuguesa? E tão belos trechos se po-
diam recolher! Do século XVI para cá, seria um mostruário que
quase se confundiria com a galeria dos nossos melhores Poetas.
Camões não faltaria com mais dum passo da sua imortal Epopeia.
Querem alguns exemplos? Ao narrar a batalha de Aljubarrota, em
meados de Agosto, traça-nos este quadrinho, que localiza o encon-
tro no tempo e o situa dentro do ritmo dos trabalhos agrícolas:

*Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.*

Na descrição da famosa *Ilha dos Amores* deparamos com esta estância:

*Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Pêras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que co'os bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.*

E no canto VII, em que se conta a visita do Catual à armada de Vasco da Gama, ouçamos o Poeta referir-se de novo ao precioso líquido:

*Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.*

Perante estes versos alguém acertadamente concluiu que, na Expansão portuguesa de Quinhentos, «os conquistadores bebiam vinho e os conquistados não», o que talvez desvende um dos segredos da nossa Epopeia colonizadora, pois já o grande Albuquerque se não cansava de reclamar que de Portugal mandassem para os seus homens «vinho vermelho do Reino».

Mas não é preciso ascender aos séculos mais afastados para recolher, no escrínio poético da nossa língua, exemplos de quantas vezes o vinho serviu de tema inspirador às composições métricas dos literatos portugueses. Nos nossos dias multiplicam-se os exemplos, não apenas nos vates menores, isentos de fôlego para as altas concepções, mas também nas figuras mais representativas da nossa Poesia contemporânea. Bastará citar os nomes de João Penha, Gomes Leal, Eugénio de Castro, Correia de Oliveira, João Saraiva e Afonso Lopes Vieira, para se concluir da riqueza e da altura dos motivos báquicos na obra dos maiores Poetas do primeiro quartel do século XX.

Também na prosa encontramos espécimes admiráveis de como o vinho serviu de tema ao enlevo, ao descritivo ou à ironia dos nossos grandes Escritores. Assim, das melhores páginas em que o sarcasmo de Camilo se exhibe à vontade são certamente as do seu folheto '*O Vinho do Porto*', panfleto tremendo em que a veia satírica do romancista atinge o mais alto grau. E Ramalho, nas '*Farpas*', tem uma descrição da região duriense e da fabricação do seu vinho de renome universal que é uma obra-prima literária. Não

esquece a definição que o grande crítico nos dá do precioso néctar: — «Engana-se muito quem cuida que o vinho do Porto é um simples produto químico. Não. O vinho do Porto é principalmente uma obra de arte, um problema do gosto».

Quantos factos ligados à História ou à Literatura se poderiam utilizar como recomendação dos nossos excelentes vinhos! Napoleão bebia Madeira com frequência e na Malmaison nunca deixava de ter à mão um cálice do melhor Porto. Nelson, como se sabe, chegava, nos mapas em que estudava o desenrolar das batalhas navais, a tracejar, com o dedo embebido no famoso *Port-Wine*, a rota das suas esquadras. E conta-se que, no Palácio dos Carrancas, Wellington, durante a Guerra Peninsular, regava abundantemente as suas refeições com o apreciadíssimo líquido... E tal amor lhe consagrou, tanto por ele se deixou prender, que nunca mais o largou, e em Waterloo lhe serviu de incentivo para a vitória, depois, naturalmente, comemorada com largas libações de Porto. Também, Soult, na Cidade da Virgem, travou com ele conhecimento, não lhe tendo, porém, servido de mascote... E nos nossos dias, aquando do efémero acordo de Munique, em 1938, a um ano da segunda guerra mundial, Hitler, Mussolini, Daladier e Chamberlain regaram com Porto o pacto — aliás precário — que então se elaborou na capital bávara.

Na Inglaterra há um sem-número de factos a atestar a intervenção dos nossos bons vinhos nos segredos da Política e da Diplomacia. O Rei Eduardo VII — é Alberto de Oliveira quem no-lo afirma — não hesitava em atribuir ao uso do vinho do Porto, entre todos tónico e salubre, algumas das mais sãs qualidades da raça anglo-saxónica. *'The Sublim Port'* — o proclamavam num trocadilho que a velha e sempre actual questão do Oriente tornava mais picante. Mas desde o século XVI que os produtos das nossas vinhas agradavam ao paladar britânico. As obras de Shakespeare encerram passos em que se mencionam algumas das melhores marcas dos nossos vinhos. E o grande inimigo de Napoleão — Guilherme Pitt — não se cansava de gabar o néctar duriense como o melhor estimulante das energias com que, implacavelmente, combateu o genial corso. Como Baudelaire aconselhou, um dia, o nosso Madeira como o mais salutar remédio para a doença de estômago que afligia Alfred de Vigny...

Encerrado no Templo, às vésperas de ser ignominiosamente guilhotinado, Luís XVI bebia, às refeições, produtos esmerados das nossas cepas do Douro e da Madeira. E Bismarck, grande copo, era apreciador devoto do inigualável Porto.

Centenas de factos, anedotas e historietas parecidas com estas se podiam aduzir como atestado da excelência dos vinhos portugueses e da óptima aceitação que, desde séculos, têm lá fora. Porque se não utilizam, como meios de propaganda, sempre que os mercados, por factores da dinâmica comercial, começam a rarear? Eis o que me sugere este mês de Setembro, em que as vindimas, por esse País fora, preocupam tantos e tantos Portugueses.



NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

REABILITAÇÃO DA ESCULTURA Em Portugal, particularmente depois dum enérgico clamor erguido na revista *'Serões'*, em 1905, certos olhares analíticos se levantaram para a escultura do passado, até então pouco notada e estimada. Salvo um caso ou outro, identificados e defendidos por investigadores, observados historicamente e apreciados pela crítica mais dada aos problemas de pintura, que, por vício dessa limitada crença, discutia sem convicção as virtudes da estatuária portuguesa, deve-se, portanto, a Ramalho Ortigão a iniciativa dos cuidados de julgamento e reabilitação da obra plástica dos escultores e imaginários de antanho e, como reflexo consequente, da estatuária contemporânea. Eruditos desconfiados e estudiosos inclinados à descoberta de segredos que a pintura lhes sugeria, reclamavam a fundação duma oficina de moldagens das nossas antigas esculturas, não tanto para salvamento, por meio de reproduções, dessas espécies de Arte, mas para facilidades de consulta por comparações, lembrando, a exemplo do que se fizera no estrangeiro, a organização dum Museu especial, arquivo e documentário proveitoso para variados fins, em que o valor plástico das peças lhes era secundário. Alguns artistas, porém, lutaram praticamente em favor desse Museu de moldagens, mas como galeria de Arte, principalmente. Cerca duma centena de obras notáveis dessa escultura incompreendida fora transplantada e arquivada, junto doutras tantas reproduções, que até hoje não prestam o proveito preciso ao estudo nem servem de confirmação daquele glorioso mérito da nossa antiga Arte. A par dessa tarefa tenaz e perdida, alguns críticos de Arte estudaram, em parcialidade, a obra de estatuários, sem a integrarem no panorama total. Os Sepulcros Reais de Alcobaça e em parte os do prelado D. Gonçalo Pereira e da Rainha Santa, sugeriram investigações e debates; o génio, consagrado além-fronteiras, do imaginário Manuel Pereira e o do fertilíssimo modelador Machado de Castro, originaram também variados escritos, mas sempre em particularidade, quer notificando o mérito de santeiro do primeiro, quer o engenho de barrista de presépios do segundo, que modelara também a famosa estátua equestre do Rei D. José; e, por último, Soares dos Reis, igualmente, deu motivo a ensaios críticos dos nossos historiadores de Arte.

Actividade parcial, de pormenor, fragmentária, que nem a re-

colha de elementos documentais de Sousa Viterbo, Prudêncio Garcia, Virgílio Correia e outros investigadores estimularam à aliciante empresa da historiação completa daquela Arte. Joaquim de Vasconcelos, António Augusto Gonçalves, Martins de Carvalho, António Arroio, João Barreira, Aarão de Lacerda e mesmo José de Figueiredo tentaram e projectaram a iniciativa desse tempo, deixando simpáticas tentativas, incompletas. A *'Estatuária Lapidar'*, de António Augusto Gonçalves, e o volume da *'História da Arte em Portugal'*, de Aarão de Lacerda, pretenderam ir além de subsídios e foram apreciáveis esforços, que só depois Reinaldo dos Santos conseguiu tornar em obra mais concreta, nos volumes, belamente ilustrados, da *'Escultura em Portugal'*, editados pela Academia de Belas Artes.

Ainda que tardiamente, estão hoje esclarecidos, embora não de todo documentados, a origem, o desenvolvimento, a razão e o mérito da nossa antiga Escultura — tanto tempo tomada como manifestação vulgar de arqueologia artística —, e está prestes a aclarar-se a tradição que ressurgiu no ideal dos escultores modernos. Há meio século que os Portugueses começaram a aperceber-se da existência e persistência em continuidade dessa nossa nobre Arte de glória.

Muitos dos actos colectivos ou individuais em Arte, que são tidos como revolucionários em períodos de ansiedade reformadora, baseiam-se em fortes causas de tradições inobservadas ou mal compreendidas nas naturais deficiências de sua origem, mas que, em compensação, possuem uma profunda essência de espiritualidade idealista, característica de expressões étnicas, como a verdade das linguagens incultas, que se purificam através dos tempos, voz inicial de independência que subsiste imortal no sentido expressional dos séculos, para, sem desvirtuamento de confusões, poder relacionar-se capazmente com as modernidades muito posteriores. Perdem-se muitas vezes os fios ondulantes de continuidade, mas nunca se extingue a causa das origens, que cedo ou tarde renasce em formas novas. O espírito artístico das civilizações mortas, exterminadas pelas guerras e pelas tempestades do destino, tão-pouco desaparece, porque o espírito é eterno, indo ressurgir nos povos consequentes ou de maior contacto com aqueles aniquilados. Pode a tradição deslocalizar-se, mas é impossível o seu desaparecimento total. Assim como a vida se repete, assim a tradição se renova e reabilita.

Em Portugal o mistério destes problemas está-se aclarando. Recriado o Amor às Artes chamadas primitivas, como está acontecendo entre nós, uma compreensão e animação das obras do passado provocam não só a defesa, mas a auscultação dos seus sentidos iniciais para, naturalmente, serem interpretados em modernas expressões de aspectos inéditos, imprevisos mas não ilógicos. Razões ocultas no subconsciente dos Artistas provocaram uma reaparição de valores num impetuoso núcleo de estatuários nascidos há um século, que instintivamente buscara em reverificações de verdades remotas a sua fatal ou tradicional expressão de ansiedades renas-

cidas. De Ressurgimento é o espírito da moderna estatuária portuguesa.

Através dos tempos, a Escultura em Portugal, que brotara no século XIII e se desenvolveu em excepcionais méritos no século imediato, sofreu naturais e violentos abalos, uns internos e outros de intromissão alheia, que a perturbaram ou dominaram em períodos de alternados desejos. Obreiros anónimos, em comunhão de princípios e de ideal, iniciaram a tarefa de incipiente glorificação de amor religioso ou de cultos civis pela saudade. Imagens e ornamentações de templos competiam plásticamente com a criação de monumentos tumulares. Outras gerações mais cultas, guiadas por espírito colectivo e auxiliadas por oportunidades ambientes, aperfeiçoaram as concretizações daqueles sentimentos e dignificaram as formas das suas expressões, fundando a Arte dum povo independente, que a Escultura transmitira em estímulos sólidos à Pintura, ao ponto desta surgir excepcional em votos que reúnem os ideais separados daquela, tomados por misteriosos, quando na realidade são de lógica, embora genial aparição.

Assim se fundou a tradição e com ela a nossa História de Arte. Reminiscências de gosto oriental, arabizado ou romanizado, foram de efémera influência nas demonstrações plásticas dessa nossa Arte, que se revelou tímida e bárbara, para resplandecer, ao cabo de dois séculos, em obras de génio individual, nos sepulcros de Alcobaca e nas tábuas de S. Vicente, consideradas obras-primas.

Sempre em rebeldias justas, consoante as reformas ocasionais dos tempos, que estimularam a formação de grupos officinais compostos de artistas especializados, em actividades independentes, firmaram e defenderam o carácter de origem da nossa escultura, que grandes mestres estrangeiros, atraídos, em períodos diversos, ao nosso país, não conseguiram com os seus gostos e saberes dominar, ainda que guiassem particularidades técnicas. E assim, no período chamado de Renascimento da nossa Escultura, que foi de intromissão ao nosso sentimento plástico, distinguiram-se os artistas estrangeiros em fugaz passagem de boas empreitadas, mas sem conseguirem estrangeirar a Arte Portuguesa. O verdadeiro Renascimento desta é o da Arte classificada de *Manuelina*, embora nela se tivessem imiscuido, em liberalidades de exuberantes ornamentações, quantos jeitos importados, pormenores que, contudo, não representam domínio no carácter da nossa criação nacional. Em vez de estrangeiramento deu-se o caso inverso de aportuguesamento na colaboração de tantos artistas de nomeada, estabelecendo confusões com o anonimato dos nossos mestres.

Funesto foi o século XVII para a Arte Portuguesa, com as guerras em África, o domínio filipino e a desorientação consequente, que não deixaram medrar valores de ordem artística. A imaginária de então enfraquecera de sentido nacional; e os valores individuais abrandaram ou emigraram. O ressurgimento tornou-se vagaroso e desvirtuado por novos trabalhos de escultura, particularmente ornamentais e de gosto barroco, em palácios e templos, mobiliário e altares. Como que uma outra modalidade do barroquismo

manuelino, oriundo, em parte, dos nossos Descobrimentos, reviveu nas exuberâncias dessas esculturas, que se espalharam além-Atlântico e por causas análogas daqueles Descobrimentos e domínios de além-mar.

No século imediato, com o aperfeiçoamento desse pseudo-estilo, surgiram as graças dos presepistas com carácter nacional, opondo-se aos italianismos sugestivos, que irradiaram pelas Artes menores, sumptuosas e decorativas. Um desejo de sobriedade, de recomposição tradicional se manifestou na Escultura portuguesa, que buscou lirismos e sentimentos a contrapor ao virtuosismo invasor. Mas verdadeiramente a contra-revolução ficava reservada ao segundo quartel do século XIX. Após um período de néo-classicismo sistemático, de frio academismo, que jamais foi aceite pelos escultores do passado, surge então, envolvida em ideais românticos, a decisão do naturalismo étnico, digamos tradicional, no génio ordeiro e convicto de Soares dos Reis, que proclama a reposição na nossa Escultura dum ideal glorificador, humano, sentimental e evocativo.

Desde esse reencontro duma verdade tão conturbada pelos ataques dos tempos, nunca mais a Escultura em Portugal se desviou do destino original, de glória no amor e na saudade. Presentemente, apesar das explicáveis influências escolares desses escultores, aliás de causas internacionalizadoras e manifestas em muitos países tradicionalistas, a nossa Escultura sente-se liberta na reintegração do espírito da própria raça.

Honra e louvor aos artistas que defendem esse valor pertencente ao temperamento do seu povo e dos seus poetas! Renoir apreendeu essa independência, dizendo que nenhum artista tem direito nem dever de se apropriar — ou imitar — daquilo que não é da sua raça, acusando de inferioridade sem fisionomia própria a chamada Arte Universal.

Universalistas, pelo contributo dado em grande parte da sua História, foram os Portugueses; universalistas foram os nossos artistas na criação de Arte própria, colhendo e projectando ensinamentos, mas sem abusos de absorção ou transigência. Na hora de Ressurgimento actual, sob formas modernas, o sentimento tradicional está consolidando aquele espírito amoroso, lírico, evocativo e glorificador da primitiva escultura nada, desenvolvida e defendida em Portugal. Das excepções, ainda que valorosas e admiradas, não rezeará a História sem lhes opor dúvidas justas.

ACEITAÇÃO DO É inexplicável o destino dos homens. Nada
INEXPLICÁVEL mais caprichoso do que esse mistério em cada indivíduo. E quando o homem nasce Poeta ou Artista, o mistério complica-se e torna-se menos compreensível, ou seja mais intensamente humano. De desrazoável, quase inadmissível, ai de quem tenta sondá-lo por equivalências de juízos ponderáveis, conhecer-lhe as voltas e procurar-lhe os fins. Não há auscultação possível que o defina ou sugira sequer o outro motivo oculto da predestinação artística com a multiplicação de causas

ilógicas, que torna incoerente, anormal e impenetrável a vida do Artista, que na essência e na realidade é obra transtornada pelos sentidos do próprio indivíduo. O sábio mais profundo, o racionalista mais dedutor e o filósofo mais arguto aceitam esse mistério, mas não o explicam; o comum dos homens, porém, também com o seu drama original, nem sequer aceita o mundo inconcebível e à parte do destino dos Poetas, da anormalidade dos Artistas, se por acaso sabe da existência de algum.

Por isso, tudo quanto se presume, diz e escreve, se critica e historia a propósito dessas vidas de sacrifício e ilusão, de inconformismo e ansiedade, tanto pode estar certo como errado. Às vezes calha; mas quem pode asseverar serem justos os argumentos, os raciocínios e as conclusões! Certas tarefas de Cultura neste campo são sedutoras, mas quedam suspensas, problemáticas, talvez desnecessárias. Cada Artista é um caso isolado, como cada Poeta é independente de todos. Nada mais variável, mais incompreensível e mais discorde. Não existe o absoluto em Arte. Ao ponderado juízo humano todos os problemas se erguem como «Capelas Imperfeitas».

Àquele que, apaixonado pelo Belo, permanentemente, hora a hora, em exclusivo convívio com Poetas e Artistas servindo o Espírito, e só tenha intimidade com a Arte — obra de mensagem superior — e viva na observação dessas relações, perscrutando-as, surgem-lhe a cada momento inesperados problemas de novidade, por vezes incoerentes, ou seja, o capricho multiplicado dos mistérios. Ao cabo e ao termo resta-lhe uma resolução possível: aceitar o enredo como natural, amar sem julgamento ou conhecimento da causa, e aguardar, satisfeito e certo, quantas outras descobertas e outros deslumbramentos esse mistério lhe reserve. Quem adora recebe a graça incondicionalmente; no amor à Arte é igual o benefício.

Gostar é pouco, porque ainda é limitado; amar é a perfeição; mas explicá-la é impossível. Só a sensibilidade pura e afim, educada ou virgem, compreende (?) e sente, anima e comunica na receptibilidade deslumbrada do convívio com a Arte, por atracção. Como que um complexo de interferências recíprocas, de amplitude de sentimentos que vão até à adivinhação, leva o admirador da Arte a distinguir e a seleccionar preferências, embora se negue a divisões de ordem histórica, de atitudes escolásticas e de afeições eruditas, para amar a Arte pela Arte, a Arte pela Glória ou a Arte pela Vida, sem atenção subordinada a quaisquer outros motivos críticos e especulativos. Deste modo, amar a Arte equivale a amá-la em absoluto no seu mistério, como se ama a Deus.



Eu respeito as deduções e as explicações filosóficas, considerando-as uma Arte e não uma Ciência; e deleito-me também com as ilusões críticas. Embirro, porém, com as certezas eruditas e sorrio aos pretextos de investigação, auxiliares distractivos e petulantes de

factos pertencentes ao mistério, sempre e apesar de tudo impenetrável. A Arte, de origem e por destino, é alheia a todas essas utilitárias empresas. Dá-lhes o pretexto, mas não lhes dá mais nada. Oculta a sua verdade em nebulosas e múltiplos enredos de Ideal, que nem os Artistas poderiam desvendar. Solene ou humilde, defende o sossego e o privilégio do seu isolamento. Quando assim não fosse, diminuiria-se em confusas igualdades, ofendendo a própria missão de Glória, que lhe dá o direito de Eternidade. Nas ruínas monumentais da terra e nos museus do Mundo, o testemunho desta majestática soberba está patente ao entendimento e ao respeito dos conscienciosos amantes da Arte. Crer na Arte é comungar no seu mistério em adoração. A mim isto me basta para saber o suficiente pela sensibilidade.

OBRAS DE DIOGO DE MACEDO

EDITADAS PELA REVISTA 'OCIDENTE'

'ALGUMAS OBRAS DE ARTE PORTUGUESA' — Álbum n.º 1, com 32 estampas	30\$00
'SOARES DOS REIS' — com 25 ilustrações — 1 volume de 128 páginas	15\$00
'JOÃO JOSÉ DE AGUIAR' — com 18 ilustrações — 1 volume de 96 páginas	15\$00
'A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII' — com 50 ilustrações — 1 volume de 136 páginas — 40\$00 e	60\$00

ADQUIRA O 'CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL' —
ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI, DE QUE JÁ FOI PUBLICADO O VO-
LUME I PELA 'REVISTA DE PORTUGAL'. A SEGUIR — VOL. II.

REVISTA DE PORTUGAL

FUNDADA EM 1942

SÉRIE A—LÍNGUA PORTUGUESA

DIRECTOR — ALVARO PINTO

VOLUMES I A XI (N.º 1 A 55), ENC. EM PANO 100\$00 CADA UM
VOL. XII (N.º 56/60) — 120\$00 ★ VOL. XIII E XIV (N.º 61/70 E 71/80)
— 180\$00 CADA UM — N.º 1/54 — 15\$00 CADA UM ★ 55 E SEGUINTE
— 17\$50 CADA UM — VOL. XV — N.º 81 A 90 — EM PUBLICAÇÃO

HÁ UM PEQUENO NÚMERO DE COLECCÕES

— Capas de pano — 20\$00 e 25\$00 cada uma —



BIBLIOGRAFIA

LIVROS PORTUGUESES — XIV

VERSO

É natural a hesitação da Crítica, sobre o seu dever de condenar uma Obra imperfeita, quando, através dessa imperfeição e apesar dela, reconhece a existência de um talento, embora irrealizado, e de verdadeiras qualidades, se bem que transviadas ou traídas.

Maior, para mim ao menos, essa hesitação, quando a Obra é de um jovem, no início da sua carreira, ainda sem a plena posse das qualidades naturais do seu engenho e das que constituirão a sua própria arte, incerto, mesmo, da sua mensagem de Poeta.

Desafiar, em nome da verdade, e no cumprimento de um dever de justa Crítica, as falsas glórias e as altas posições sociais, adquiridas não à custa do trabalho e em recompensa do talento mas pela tática de todas as transigências, chega a dar gosto. Censurar uma ou outra Obra de um talento verdadeiro e superior, já realizado, é cumprir um dever, mas com profunda mágoa.

Muito pior é ainda o desgosto de condenar a realização de qualquer Obra de quem apenas começa e por isso mesmo tem direito a esperar ajuda para se encontrar a si próprio e compreender o seu real valor e os caminhos que naturalmente deve seguir. Maior desgosto, mas também redobrada obrigação de bem cumprir o dever da Crítica, todo o seu dever e só esse dever.

Toda a História Literária nos mostra que a verdadeira ajuda para um Novo não é a do louvor, quando injusto, e do aplauso, quando imerecido. Essa transigência, que mendigam os que, depois, só vivem, na Fama, por outras e ainda piores transigências com o gosto público ou as pessoas influentes e até com os novos, mesmo sem valor, só porque são novos e podem constituir uma opinião favorável ou adversa; esse engano de si próprios e dos outros não é ajuda para nenhum talento verdadeiro e apenas serve a baixa carreira, da falsa glória, que pode levar aos altos postos, mas com um lento suicídio, pior do que todos os outros, do espírito de um Poeta.

Essa transigência, mesmo quando não pedida nem vil, por interessada ou cautelosa, mas apenas feita da recusa, natural, de magoar, ainda que para seu bem, uma Alma jovem e de lhe poupar desilusões, mesmo quando necessárias; essa transigência de brandura (ou indiferença, irresponsabilidade e desinteresse) dos nossos costumes literários tem feito mais vítimas entre os novos do que a maior dureza da Crítica.

São muitas as Almas de Poetas a cujo destino se poderia aplicar a indicação do título da peça elisabetana, «Uma Mulher morta pela doçura».

Sim, mortos pela doçura do errado louvor, o fácil êxito, o injusto aplauso, foram muitos Poetas verdadeiros. Nenhum, talvez, pela severa censura da Crítica. Nem mesmo por seus erros, se os teve.

E a Crítica verdadeira, a que pretenda cumprir uma alta missão de engrandecimento da Cultura, só pode alegrar-se quando a Obra futura desmente os julgamentos condenatórios que, lealmente e com plena sinceridade, a Obra inicial lhe mereceu.

Se houve erros do Crítico, e ele o é de verdade, animado, portanto, de um desejo do alheio engrandecimento, não os sustentará. E a maior parte

das vezes, mesmo recusada exteriormente a crítica severa e condenatória, mesmo, em parte, errada, ela terá sido útil ao Autor por esse modo criticado.

Assim a Crítica terá provocado muitas vezes maior grandeza alheia à custa da fama de infalibilidade e argúcia no descobrimento de um novo e mesmo alto valor que ajudou a formar. O exacto cumprimento da sua missão exige também a aceitação deste risco, ou, melhor, deste apagamento da sua glória mais aparente perante a glória, que mais lhe interessa, de ter contribuído, indirectamente que seja, para o engrandecimento da Literatura e de qualquer Autor que de verdade lhe possa acrescentar uma Obra perene.

A ajuda, muitas vezes necessária, que da Crítica tem o direito de esperar um Autor no início da sua carreira é a da serena compreensão, da natural simpatia e do imparcial julgamento. É, quando possível, uma indicação dos caminhos a seguir, porque muito fácil é transviar-se quem inicia a mais árdua, a mais alta de todas as carreiras — a de Poeta.

E também, neste caso, o incitamento à verdadeira realização, essa que, embora natural e intimamente exigida, nem sempre conhece o Poeta a quem ela deveria impor-se, vencendo os muitos obstáculos da vida e rasgando os biombos, às vezes bonitos, das modas literárias, que lhe escondem a luz do seu próprio engenho.



Estas afirmações do inteiro dever da Crítica têm carácter geral e constante aplicação.

Não era demais repeti-las ao fazer, com toda a sinceridade e a maior simpatia, a crítica do livro de

ANTÓNIO QUADROS — '*Além da Noite*' — Poemas — Parceria António Maria Pereira — Lisboa — 1949.

É o Autor desta obra irrealizada (classificação que devo dar-lhe desde já), um talento verdadeiro, um dos valores de quem mais há a esperar de entre os novos da geração mais recente, a geração que ficará designada por este ano de 1950, em torno do qual se fizeram ou farão as suas primeiras publicações.

O seu verdadeiro talento de Poeta e de Crítico revela-se umas vezes e outras se adivinha, apesar de não perfeitamente expresso nas Obras em que veio procurando, mais do que tudo, e contra o que ele próprio hoje imagine, conhecer-se e tomar posse inteira e firme das suas qualidades.

É, por isto mesmo, um dos casos, o seu, em que mais obrigação existe, para a Crítica, do completo cumprimento do seu dever.

Cumprirei essa obrigação, quanto saiba e esteja em meu poder, sem que a simpatia pessoal me leve a um louvor insincero ou para mim injustificado e muito menos (porque lhe seria pior) a uma transigência com a verdade, a um embrandecimento da Crítica de que ele precisa para se elevar à grandeza que merece.

Começou António Quadros a sua carreira literária com a publicação de um livro de breves Críticas intitulado '*Modernos de ontem e de hoje*'. O intuito geral dessas Críticas, indicado no título do Livro e explicado no seu Prefácio, revelou-me desde logo uma grave, perigosa submissão a essa pretensa qualidade que, desde o fim do Século XIX, e como sintoma claro de cansaço e decadência, enfraquecimento e velhice de certas Literaturas, vem sendo muito apregoadá, a *modernidade*.

Lamento não ter tido ocasião de escrever sobre esse livro quando publicado, pois, chamando a atenção do Autor para o perigo dessa nefasta submissão ao *moderno* em detrimento das verdadeiras qualidades a exigir e considerar em qualquer Obra válida e superior, poderia talvez ter evitado as más consequências desse erro do espírito crítico sobre a realização do espírito poético, também verdadeiro em António Quadros. Não seria, aliás, essa Crítica, ontem cu hoje, uma condenação da sua Obra porque nela há muitos acertos e a revelação de um real talento de Crítico da Literatura. Mas seria a absoluta, a severa, a justíssima condenação de quanto, enganado pela aspiração da modernidade, ele nos diz sobre Poesia e a sua Forma, escrevendo a propósito de Cesário Verde e Mário de Sá-Carneiro.

A evolução da Poesia ou (se quisermos distinguir, mas diferentemente do Autor) da *Forma* em Poesia, tem sido precisamente o contrário do que ele nos diz, por submissão ao prestígio transitório de alguns falsos Poetas modernos. Tem sido e será, nos verdadeiros Poetas, o constante enriquecimento dos processos de encantamento verbal, dos meios de expressão, das exigências de maior e mais perfeita musicalidade. Constante enriquecimento e purificação (nunca simplificação) dos meios de realizar Poesia, a qual não pode ser sonho, ou mero sentimento, mas Obra feita com a matéria verbal e segundo as suas leis verdadeiras, eternas e imprescritíveis.

O que poderá perdurar de alguns Poetas modernos (verdadeiros Poetas mas transviados) é somente o que obedeceu a essas leis da Linguagem, do ritmo e dos valores verbais, da Razão, da Imaginação e da Beleza. O resto, muito moderno, envelhece à segunda leitura (se a merece) e morrerá ao fim de uma geração.

Não sei por que estranha covardia os Poetas verdadeiros, conscientes, portanto, do valor e exigências da sua Arte, não ousam, geralmente, dizer esta verdade aos novos que estejam iludidos pela fancaria moderna de estranhas Literaturas, infelizmente com eco entre nós. A consequência, gravíssima, é vermos desperdiçarem esforço e contrariarem qualidades alguns talentos verdadeiros de Poetas em potencial que não chegam a ser Poetas, porque não realizam uma Obra de Poesia.

Outros haverá que se regozijem secretamente com esta falência, embora fonte de louvores e motivo de momentâneo êxito, o da surpresa, do aparente desafio ao gosto comum (de bem poucos comum) e do histrionismo, só próprio, em verdade, para iludir os piores *burgueses*, os que temem ser assim considerados.

Sabem os Poetas que, embora sem êxito, estão com a verdade e o futuro realizando autêntica Poesia. E riem-se dos iludidos pela *modernidade* e a moda actual do mínimo esforço, da simplificação jornalística, das publicações (Obras é palavra imprópria e alta de mais para elas) sem arte, sem beleza, sem pensamento e sem humanidade.

Outros se riam. Eu, não.

Indiferente, quanto à minha Obra, a todas essas modas nefastas e modernidades sem significado e valr, não fico indiferente às destrutivas consequências que tiveram e têm para muitos Poetas de Obra possível e por elas diminuída se não aniquilada.

Menos indiferente posso ficar quando esse mal atinge um novo em quem adivinho grandes e complexas qualidades de Escritor completo — Poeta e Crítico — como no caso de António Quadros.

Temo, por ele, as erradas seduções da vida literária e as nefastas consequências da submissão à modernidade.

Lendo o seu trabalho de Crítico '*O Génio Nacional na Arquitectura Portuguesa*', edição modesta e fora do mercado, no exemplar com cuja amável oferta muito me honrou, pensava eu no dever que teria uma verdadeira Instituição de incitamento da Cultura. O Escritor capaz de, ainda imperfeitamente informado e sem nenhum auxílio, escrever esse breve *ensaio*, deveria ser escolhido para, com a longa e profunda preparação necessária, em um ou dois lustres de trabalho e de meditação, vir a fazer a verdadeira Obra que nele se anuncia.

E a preparação e longa realização dessa Obra, necessária, de Erudito e de Crítico, também ajudariam o Poeta a libertar-se de todas as submissões e estreitezas da época e a realizar-se quanto me parece merecer.

Não será, infelizmente, possível para António Quadros esta vida, alta e difícil, de concentração. E temo as consequências da terrível dispersão do jornalismo e semelhantes ou piores tentações da vida literária. Temo, ainda mais, as nefastas sugestões da modernidade triunfante, e contrária, em absoluto, à Poesia.

A minha obrigação é dizer-lho perante a sua obra actual, o livro de Poemas, irrealizados, '*Além da Noite*'.

Vejo neste Livro uma constante submissão de um Poeta verdadeiro às falsas *teorias modernas* (e velhíssimas, porque são as de todas as Épocas sem Poesia) e aos não menos falsos poemas que caracterizam a decadência

do Romantismo e a dissolução dos seus valores, o que já foi todo o peso morto da Obra, por isso em grande parte caduca, irrealizada e sem valor, do talento, em si próprio grande e por vezes realizado altamente, de Fernando Pessoa.

Noto uma oscilação entre dois males, o de um Romantismo decadente, no Espírito, e o de um falso Classicismo que exclui da *Forma* tudo que foram as conquistas admiráveis do grande e alto Romantismo, desde a sua primeira fase até à última, e a mais profunda, talvez, com o Simbolismo.

António Quadros recusou a si próprio, submisso à modernidade, tudo que é a força, a riqueza e o encantamento do verso, o valor profundo e constante da íntima união da Poesia interior e da matéria verbal, o que é mais do que *Forma* porque é toda a Poesia realizada — a verdadeira e completa Poesia.

Recusou o poder musical (e também intelectual) das rimas, o que não é o mais grave mas representa um empobrecimento sistemático, o da propugnada *simplificação*. Volta, por isto, ao verso branco, o tão antigo verso branco, e com um limite de registos métricos tão estreito como foi o dos Neo-Clássicos.

É, porém, e muito naturalmente, nas composições em verso branco (mas com ritmo) que realiza os seus momentos de autêntica e pessoal Poesia. O melhor deles começa por estes dois verdadeiros versos:

*«A ilha é de coral. As lágrimas de sangue
Afligem a visão no mar interminável».*

Todo este Poema é feito de alexandrinos bem metrificados mas nem sempre com a requerida musicalidade, que deve ser ainda maior no verso branco isolado, e na sua sequência, do que nos versos com rimas.

Mostram-nos, porém, esta e outras realizações de Poemas em verso branco, alexandrinos ou decassílabos, que não estamos perante um Prosador que finge, grãficamente, a realização de versos, mas perante um Poeta capaz de lhes sentir o valor como expressão do seu Espírito e de os criar.

Não são muitos esses Poemas em verso branco e alguns deles se diminuem com *rimas* de acaso ou sem justificação interior ou artística.

O que no Livro predomina é o que deveremos chamar *Poema em Prosa* e poderia ter sido, aceite como tal, e de acordo com as suas exigências aperfeiçoado, uma autêntica realização de Poeta.

Porque pode realizar-se a mais alta Poesia em Poemas cujo ritmo não seja o do verso, isto é, em Poemas em Prosa. Mas o seu ritmo tem leis igualmente rigorosas, exigências, de musicalidade e pureza de expressão e harmonia de sons verbais, não menores do que as do verso.

E o conjunto de cada um desses Poemas tem de ser igualmente a resultante de um movimento poético e não uma simples meditação.

O que há de mais alto e verdadeiro neste Livro que, como se vê, não é indiferente mas irrealizado, são as meditações, digamos assim, filosóficas. Vividas, e portanto Poesia, mas não realizadas poeticamente, e portanto não Poesia.

Parece-me haver aqui um caminho verdadeiro a seguir por este Poeta, que renova a meditação, dolorosa, de um novo Mal Romântico.

Exprimem essas meditações uma falta de fé e de energia, um abandono do ânimo, um desespero de não poder alcançar a Fé nem sentir Deus. As três meditações finais têm grandeza espiritual no desespero, com a descrença do próprio esforço humano e até da grandeza humana, a mais alta, de sofrer. Influência do Existencialismo, essa última e exasperada manifestação do Pensamento Romântico? Vivida e pessoal atitude natural de uma Alma?

De qualquer modo um regresso ao Mal Romântico (o de Antero, invocado na meditação «A Voz dos Cativos») que ficou aquém não só do Humanismo, e suas certezas heróicas, mas também do próprio Neo-Romantismo. Tanto no Espírito como na Forma, a submissão ao que foi o Romantismo Decadente, confuso já dos seus valores, solicitado contraditariamente por exasperos de liberdade e pela aceitação dos limites estreitos do pior Neo-

-Classicismo. Sim, tudo o que foi a reacção, regressiva, do grupo da revista 'Orfeu', na geração de 1910, de nefasta influência, não sobre a verdadeira evolução da Poesia Portuguesa, por impossível, mas sobre alguns Poetas que nessa evolução poderiam colaborar.

Nefasta influência do regresso ao pior, paradoxalmente realizado no momento em que a Poesia Portuguesa, única talvez, nisto, em toda a Europa, construiu a cúpula verdadeira e bela do grande Romantismo.

Há também neste Livro uma outra série de poemas destoantes das meditações que mais o valorizam.

São notações do observador e caçador de imagens, no género de Jules Renard, que se não realizaram em Poemas e apenas revelam o Prosador.

Leva-me tudo isto a perguntar se vale a pena querer ser moderno? Despojar a Poesia de todo o seu poder e meios de expressão, recusar as conquistas de séculos de evolução e de aperfeiçoamento para que, afinal, a Alma não se exprima e não conquiste uma Verdade própria. Não, não vale a pena. E o Poeta António Quadros merece o chamamento à grandeza da Poesia que possa libertá-lo de todas estas velharias decadentes do *Modernismo*.



Uma Obra em que também se adivinha um talento que se não realizou, mostra-nos um outro aspecto deste persistente Romantismo Decadente, em sua dissolução do que teve de belo, justo e verdadeiramente novo, e também perene, o grande e alto Romantismo.

É o livro de:

LEONOR DE ALMEIDA — '*Luz do Fim*' — Poemas — Portucalense Editora — Porto — 1950.

É possível que a Crítica, já costumada a transigir com o inexpresso, irrealizado e imperfeito do modernismo, se iluda quanto ao valor deste Livro, impressionada pela novidade e estranheza de certas imagens e um verdadeiro movimento passional de algumas das composições. Aquela novidade é, porém, feita, as mais das vezes, da irreflectida junção de palavras, a audaciosa mas não justificada aproximação de contrários. O pior defeito da Autora está em empregar palavras sem propriedade, palavras difíceis e raras, algumas delas (se não se trata de *gralhas*) inexistentes na Língua Portuguesa.

A Poesia não pode tratar com desrespeito a matéria verbal de que é feita. A primeira de todas as obrigações de qualquer Poeta é conhecer a sua Linguagem. A impropriedade no emprego das palavras pode facilitar uma *novidade*, mas aniquila as qualidades verdadeiras da Poesia.

O emprego de palavras raras pode ser a exigência de uma consciente procura da beleza formal. Mas requer um respeito absoluto do seu verdadeiro significado e um equilíbrio muito forte da expressão poética.

O contrário se dá neste Livro. O que não admira, porque todo ele é feito de uma libertação exasperada (e voluntária) das palavras. Libertação das palavras e das imagens que se não congregam naturalmente em volta de um pensamento de Poema, e se não sucedem com a lógica interior que deve ter mesmo a mais livre, mas não irrealizada, imaginação. As estrofes da maior parte destes Poemas podem ser mudadas de um para outro indiferentemente, porque só a primeira de cada um deles (e, às vezes tão-sómente a primeira imagem ou os primeiros versos) lhe marca o sentido.

As imagens não se provocam naturalmente. Existem por si em liberdade e sem conjugação no Poema.

Isto pode realmente dar uma impressão de mistério e profundidade, mas só à primeira leitura. Na verdade ilude a inconsistência do sentimento e esconde a inexistência de qualquer pensamento poético.

A tudo isto de há muito nos acostumou (mas jamais convenceu) o mau Romantismo, já em dissolução e decadente. No entanto a Autora merece muito mais do que esta imperfeita, inconsistente realização do seu talento. Porque este existe e pode vir a ser grande, sem perder a audácia no que tem de bom e sincero e sem quebra de originalidade mas com a perfeita realização que ela requer.

Mostram-no algumas estrofes isoladas ou simples imagens, perdidas na confusão do inexpresso e incoerente.

A «Canção de Inverno» começa por uma estrofe com beleza e estes versos de muito original mas própria e realizada imagem:

«Palhaços cansados dos meus olhos
Atirai pedras de lágrimas
A esta luz... Quero-a partida!»

Mas a esta imagem segue-se outra já mal expressa e, depois, duas estrofes que nada têm com a primeira. Os únicos Poemas quase realizados (quase, mas não perfeitamente) são os que se intitulam «Natal», «Paisagem», «Anunciação» e «Prece Pagã». Se não quer *subordinar-se* à meditação de verdadeiros e perfeitos Poemas de outros Poetas, ao menos que através deles medite a sua Autora a necessidade prévia de obedecer a um verdadeiro movimento poético, e sua íntima lógica, e nunca ao galope das imagens ou à facilidade e catadupa das palavras, para criar Poemas.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO



«O HISSOPE» — Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do prof. José Pereira Tavares — Edição da «Revista de Portugal» — O escritor e jornalista sr. Álvaro Pinto, director da 'Revista de Portugal', tem publicado em livro numerosos trabalhos de crítica literária e didáctica, de vários Escritores, cuja obra torna conhecida e acessível ao público e que, a não ser esta editorialidade benemérita, ficaria impublicada.

Uma destas edições é esta do Poema herói-cómico famoso de António Dinis da Cruz e Silva — 'O Hissope' — segundo um manuscrito, que a ilustre família Sacchetti, de Aveiro, possui e é datado de 1774, portanto coevo do autor. É curiosa a versão deste manuscrito, que Cruz e Silva deixou com algumas variantes, que tornam esta edição complementar e não duplicação da de Ramos Coelho. O prof. José Pereira Tavares conta em prefácio a história deste original e adita-lhe anotações, em que dá conta de todas as variantes.

Com a edição do texto se publica uma curiosíssima série de «observações polyhistoricas ao Hissope», por «Veríssimo Philocruz», obra do copista do Poema, escrita certamente — diz o prefaciador com fundada razão — depois da queda do Marquês de Pombal, portanto depois de 1777. Nessas observações o amigo anónimo do poeta (o pseudónimo de «Philocruz» prova que se trata de um amigo) presta interessantes esclarecimentos histórico-biográficos e faz algumas críticas bem cabidas.

Esta nova edição do Poema famoso é um excelente serviço à Cultura portuguesa.

C. M.

(Da 'Voz')

Não se consentem grafias duplas ou facultativas. Cada palavra da Língua Portuguesa terá uma grafia única. Não se consideram grafias duplas as variantes fonéticas e morfológicas de uma mesma palavra. (Do Acordo ortográfico luso-brasileiro, de 10-VIII-1945).

PELA SEARA ALHEIA

GUERRA JUNQUEIRO

Como os livros sagrados de certos Poetas místicos da Antiguidade, a obra de Guerra Junqueiro é constituída por um grupo de poemas que poderiam ser englobados para formar uma grande e vasta epopeia religiosa.

É que o altíssimo Poeta da *'Pátria'* é essencialmente um Poeta épico e um Poeta místico. A *'Pátria'*, que é uma grandiosa epopeia nacional, é, no dizer do próprio Poeta, — um Poema religioso. A *'Oração à Luz'* é o canto fervoroso duma epopeia panteísta, que faz recordar a grandeza dos cânticos sagrados, dos hinos védicos.

Através dos tercetos finais da *'Pátria'*, em que o Poeta evoca o perfil cavaleiroso e santo do Condestabre e a alma sublime e simples dessa estranha figura de herói e louco, passa o sopro de entusiasmo épico e religioso que animou as melhores estâncias de *'Os Lusíadas'*. Desde Camões, ninguém como Guerra Junqueiro encarnou poéticamente a fé heróica e a simplicidade épica da Raça portuguesa.

A *'Morte de Dom João'* e a *'Velhice do Padre Eterno'* são os dois primeiros cantos duma epopeia religiosa inacabada. O *'Prometheu Libertado'* seria o canto final dessa epopeia, melhor, a última parte dessa trilogia épica. *'Os Simples'*, sendo o Poema das cousas obscuras e humildes e das almas silenciosas, nem por isso deixa de irradiar aquela religiosidade épica que envolve numa atmosfera luminosa e mística toda a obra do Poeta.

Guerra Junqueiro dizia-me uma vez que «o conflito de dois átomos de hidrogénio com um átomo de oxigénio era um espectáculo que o emocionava como a tragédia do Calvário». Isto define o carácter épico e religioso da sua poesia. Para Guerra Junqueiro não há grandes tragédias, nem pequenas tragédias: há tragédias ruidosas e tragédias de silêncio — a tragédia do Calvário e essa tragédia muda, luminosa, que é o Préstito fúnebre, O Doido crucificado, o carvalho morto, o melro suicida, o trigo esmagado, são sempre a mesma epopeia trágica, a mesma tragédia de redenção libertadora. De resto, para Guerra Junqueiro, no Universo há uma tragédia única, a mesma sempre: é a tragédia do Ser, subindo, subindo sempre, dolorosamente, amorosamente, ansiosamente, para as divinas claridades. A sua poesia é uma perpétua aspiração para uma atmosfera de perfeição mística e de grandeza heróica. Para o grande Poeta o sentido da vida é subir, é a ascensão ardente dos homens e das cousas até Deus, é o Ser percorrendo, fervoroso, a infinita escala da perfectibilidade moral.

A ascensão até à divindade, como síntese de uma filosofia poética, não basta para definir o carácter épico e religioso da Arte em Guerra Junqueiro?

Eu bem sei que, para muitos, dizer que Guerra Junqueiro é um Poeta místico, corresponde a afirmar um paradoxo vão e indemonstrável, mais, um absurdo manifesto.

E todavia é assim. Guerra Junqueiro é um Poeta religioso. Nunca foi outra coisa. Afirma-o o Poeta e, mais do que o Poeta, a sua Obra.

É paradoxal?

Mas é assim. Foi sempre assim em todos os tempos e em todos os lugares.

Schiller dizia que «não professava religião nenhuma — em nome da religião». Guerra Junqueiro, o ruidoso demolidor da *'Morte de Dom João'* e da *'Velhice do Padre Eterno'*, não contradiz Guerra Junqueiro, o místico das orações panteístas: afirma-o. Guerra Junqueiro combateu muitas coisas religiosas, em nome da religião. Nun'Álvares, antes de ser o santo, foi o combatente. E, antes de combater, ajoelhava para rezar. Guerra Junqueiro, antes de entrar a demolir como um titã formidável superstições e mentiras religiosas, também ajoelhava diante do seu ideal para erguer-lhe um hino de fé. Será bom não esquecer que a *'Morte de Dom João'* abre por uma «Introdução», que é um cântico cheio de extática beatitude à Justiça e à Verdade; e que *'A Velhice do Padre Eterno'* começa por uma ode enternecida «Aos Simples», que é um transe de fé irradiando da alma de um crente. A *'Pátria'*, antes de irromper num canto esplendoroso de religiosidade épica, é uma rajada santa de indignação contra tudo o que conspurca e devora o chão sagrado de Portugal.

Guerra Junqueiro é um Poeta demolidor? Decerto — em nome do ideal. Demolir, em Guerra Junqueiro, não significa um acto de afirmação, é uma forma de proclamar a sua religiosidade, o seu ideal.

A sua Arte não é uma força dissolvente, é uma energia construtiva. Não destrói, cria.

Demolidor? Sim, de forma mística. É um demolidor genésico, como um místico que combatia a vida da terra para edificar a vida do céu; como um santo que derrotava o homem carnal para purificar-se e criar o homem divino: Guerra Junqueiro combate para destruir o imperfeito e realizar o perfeito. Como um santo, que, para viver em Deus, se adapta a Deus e não ao homem, Guerra Junqueiro combate o mal para glorificar o bem, guerreia o injusto e a mentira para erguer a Justiça e a Verdade. Os místicos não se adaptam à realidade; adaptam-se ao ideal.

Demolir Catedrais, derrubar algumas mitras, não é destruir a religião. Às vezes é afirmar a religião. A religião para Junqueiro não está em Roma, nem em Meca: estende-se ao Universo, abrange o Mundo. Não é a cegueira fanática de alguns crentes: é a crença. Não é a religião de alguns seres: é a religião do Ser.

Por isso, apesar dessa lenda falsa que fazia dele um Poeta anti-religioso, um corruptor de consciências imaculadas, ele é um Poeta essencialmente místico.

Místico por temperamento, filho duma raça mística e heróica, a sua Obra de Arte é uma efloração de misticismo épico, onde estremece o sangue português e a alma portuguesa. Como aquele Poeta a que Garrett chamou o «corpo da maior alma que deitou Portugal», o altíssimo Poeta da *'Pátria'* é neste momento para nós o símbolo grandioso da alma de Portugal, a síntese da alma colectiva, dessa alma que parece adormecida e da alma desta terra que parece estagnada e morta e em cujas entranhas germinam silenciosamente, obscuramente, espíritos criadores, atingindo as alturas em que só voam o génio e as águias.

Se hoje, em Portugal, alguém existe que possa orgulhar-se de sentir bater-lhe no peito a alma da nossa terra, esse alguém é Guerra Junqueiro. Ele exprime e resume, emblema vivido e humano, a nossa aspiração para uma vida superior; ele é o intérprete, o emersoneano *representative man*, desse de-

sejo vago e forte da redenção, que parecia jazer latente no seio da carne portuguesa como um diamante radioso esquecido no ventre da terra.

É, de resto, o retrato que dele faz o Pintor António Carneiro numa dessas horas de inspiração em que o Artista se sobreexcede para abranger na sua retina poderosa a alma das coisas e dos homens.

Dum fundo difuso e crepuscular, como o do PRECURSOR de Leonardo de Vinci, a cabeça do Poeta, aquilínea e dominadora como a fronte radiante de um apóstolo extasiado, ressalta para a claridade como uma ideia germinada na alma brumosa do caos a irromper para a luz. Nessa tela inolvidável, a fisionomia de Guerra Junqueiro tem a expressão do tipo humano e avulta como símbolo duma humanidade que nos dá a sensação consoladora e orgulhosa de sermos homens.

Precisamente por isso, porque a personalidade de Guerra Junqueiro abrange a latitude do símbolo, é que ela é difícil de definir. Para a definir uma frase basta, ou é necessário todo um livro.

Mas para que tentar defini-la neste momento em que os nossos destinos atravessam a sua hora decisiva? Antes de tudo o que se nos impõe a nós, Portugueses, nesta hora trágica para nós, é ir em peregrinação nacional, em peregrinação mística, — e porque não? — em busca da fé que nos é precisa a casa desse Poeta que guarda no peito a alma de Portugal cantando dolorosamente a sua ânsia de ressuscitar.



Guerra Junqueiro é por temperamento, pelo sangue, pelo determinismo fisiológico da carne, pelo fatalismo do espírito, se quiserem, um Poeta épico e um Poeta místico.

Talvez a sua origem de raça, melhor, a sua hereditariedade, explique um pouco o carácter da sua Arte. Guerra Junqueiro é transmontano, o que de certo modo esclarece o espírito épico da sua Obra; e a sua religiosidade transcendente, exuberante, talvez possa atribuir-se à influência de sangue judaico, esse sangue que alimentou a alma de Spinoza, o filósofo sereno dessa religião ideal de que Guerra Junqueiro é o supremo Poeta.

Talvez, talvez; uma tal hipótese não seria totalmente destituída de fundamento. Teria, pelo menos, verosimilhança.

Um admirador do carácter étnico regional da raça portuguesa transmontana dizia-me há dias estas palavras calorosas, de culto: «Admiro o carácter transmontano como se admira tudo o que é forte e sereno. E o traço mais saliente do carácter transmontano é a força, na significação nobre do termo. Em Trás-os-Montes, os mesmos assassinos matam lealmente, arriscando a própria vida. Seja qual for o ideal por que combata ou se sacrifique, o gesto do transmontano é sempre um belo gesto de força, de coragem e de simplicidade. O navegador Fernão de Magalhães era transmontano; o capitão Roçadas é transmontano; as nossas campanhas de África são feitas com soldados transmontanos. O próprio Guerra Junqueiro é um exemplar triunfal desta característica de Raça. A força, quando se converte em Arte, é Poesia épica. E Junqueiro é um Poeta épico, — é o Poeta dos fortes».

Esta opinião não deixa de conter um fundo de verdade, à parte o que nela possa haver de hiperbólico e exagerado.

Esta hipótese serviria também para explicar singelamente, sem recorrer a outras hipóteses muito problemáticamente architectadas, a chamada *crise mística* de Guerra Junqueiro.

A meu ver, Guerra Junqueiro nunca atravessou na vida uma crise filosófica e moral, pela bem simples razão de ter sido sempre um místico. Uma crise mística é sempre uma derrocada moral e uma elaboração moral consecutiva: é uma inversão penosa da fórmula do sentido da vida. Em Guerra Junqueiro nada disto se passou. Na sua obra não há nada que indique a existência dum desses cataclismos afectivos que constituem o fundo de todas as crises místicas. É ler com cuidadosa atenção '*A Morte de Dom João*' e '*A Velhice do Padre Eterno*' e lá se encontrarão em germen as orações panteístas. Que os seus primeiros poemas são essencialmente intuitivos e os últimos, a '*Oração à Luz*', por exemplo, são essencialmente raciocinados, é inegável. Nem mesmo podia ser doutra forma, visto ser essa a trajectória evolutiva de todos os Artistas de génio. Mas, e isto é que é fundamental, desde '*A Morte de Dom João*' até à '*Oração à Luz*', a sua obra é sempre a mesma mística semente de emoção germinando e florescendo em versos épicos como linhas de Catedrais e hieráticos como versículos sagrados.

E decerto, para nós, Portugueses, neste momento, desses versos, os mais belos, os de mais intensidade mística, os de mais religiosidade épica, são aqueles em que o Poeta, numa hora em que sentiu bater dentro de si a alma da sua terra, cantou dolorosamente as desgraças e as esperanças da sua Pátria.

(Da '*Ilustração Trasmontana*'

— 1.º volume — 1908)

MANUEL LARANJEIRA

E a pátria! o meu amor! a pátria bela!...
Em que minguia eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vai lidar até morrer por ela?!...

Já o mundo a meus olhos se adelgaça!...
Montes, fraguados, tudo se evapora...
São nuvens... sonho... sombra vã que passa...

Quase liberto já! não tarda a hora...
Sorri-me a Virgem!... como vem brilhante!...
Deus! quanta luz!... que mar de luz! que aurora!...

(Da fala do Condestável na '*Pátria*')

GUERRA JUNQUEIRO

ADQUIRA O '*CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL*' — ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI, DE QUE JÁ FOI PUBLICADO O VOLUME I (408 + 80 PÁGINAS DE FAC-SIMILE) PELA '*REVISTA DE PORTUGAL*' EDIÇÃO COMUM — 150\$00; EDIÇÃO ESPECIAL — 250\$00



NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Quanto mais se observa a vida rural, mais se sente a necessidade de solicitar providências, muitas providências para que sobre ela recaiam algumas das muitas atenções que se prodigalizam à vida alicianante das cidades. No campo, salvo algumas explorações de grandes proprietários, quase tudo está por organizar. Os processos de cultura são os do século passado, as máquinas agrícolas mal se divisam, os trabalhadores não têm a menor educação profissional e as variadas e complexas tarefas de arranjo das terras, escolha das sementes, adaptação dos locais e sistema de colheitas — anda verdadeiramente ao Deus-dará. E, não obstante, é ainda da Agricultura que Portugal haure a principal soma de seus rendimentos. E é também dos campos, das zonas rurais mais sãs, que têm saído os vultos mais ilustres da nossa História e da nossa vida social. Urge, portanto, inquirir minuciosamente das condições da vida rural e suas necessidades mais imperiosas e aplicar, quanto antes, os remédios precisos. Governadores civis, presidentes de Câmaras precisam de ver melhor seus distritos e concelhos fora dos gabinetes onde a papelada não diz a centésima parte do que se passa e sofre nos lugarejos remotos e nos casais distantes, onde só a energia inquebrantável do nosso aldeão consegue, à custa de sacrifícios de toda a ordem, vencer os mil tormentos de sua difícil tarefa. A industrialização do País está merecendo justos impulsos do Poder Central. Não se pratique, porém, a flagrante injustiça de esquecer por mais tempo o proprietário e o trabalhador rural, os caminhos de acesso às estradas, o crédito, os fornecimentos fáceis e económicos, a assistência social, tanto mais necessária quanto menos instruídas e abastadas são as populações que a recebem. Muitos proprietários estão a desinteressar-se da terra e a desviar suas actividades para outros ramos do trabalho. Os motivos compreendem-se bem. É que a exploração rural representa hoje um verdadeiro heroísmo, sendo, por isso, natural que se deixem seduzir pelas facilidades concedidas a tudo o que enfeite e opulente as galas do urbanismo. Supomos, contudo, que, se quiser revigorar-se em todas as suas facetas a fisionomia inconfundível da Raça, terão de intensificar-se ao máximo as velhas e insubstituíveis virtudes da vida rural portuguesa.

★ OS LOBOS — Não se trata de figurões vorazes, desses que, a cada passo, encontramos pela vida fora, à caça de boas postas e negócios chorudos. Estes, que andam por Trás-os-Montes a dizimar os gados, são dos autênticos *vulpi*. E o mais de estranhar é que operam em pleno Verão e proliferam à vontade, por não ser consentido o seu extermínio a tiro. Isto parece uma triste charada, mas não é. Dizem-nos que foi solicitada licença para uma grande *batida* a essas feras daninhas, mas, como se está ainda em tempo defeso, não se permitiu que tentassem caçar os lobos e exterminar parte do flagelo. Ora, se isto é inteiramente assim, cremos que devia haver uma solução para casos tais. *Caçar* lobos não é caçar lebres ou perdizes. Destruir estas duas últimas espécies antes de tempo é prejudicial e fora da lei. Dizimar lobos em qualquer época do ano e com qualquer arma é obra de utilidade colectiva e benevolência humana. Espera-se, pois, que em próximos casos haja um sentido mais exacto das circunstâncias em que se solicita licença para aniquilar inimigos tão indesejáveis como são esses tais lobos, que tantas vítimas andam fazendo ao abrigo da Lei da caça...

★ A VOLTA EM BICICLETA — O Desporto, para justificar o entusiasmo que desperta hoje em mais de três quartos da população de qualquer País, deve impor-se pelos benefícios que dele possam advir para a saúde, destreza ou valentia. Por mais que meditemos sobre essa iniciativa da Volta em bicicleta em pleno Verão, Julho ardente, por estradas acidentadas e cheias de pó, não somos capazes de descobrir onde esteja a vantagem humana da atribulada competição. Diz um velho rifão que quem corre por gosto não cansa. Observem os corredores, todos voluntários, assistam ao termo dalgumas das mais ásperas caminhadas e digam se não seria sensato permitir apenas tais violências na Primavera ou no Outono. À Direcção Geral dos Desportos não deve ser indiferente um caso destes, que toda a gente estranha se mantenha na época mais contra-indicada para provas assim extenuantes.

★ MALEFÍCIOS DA GUERRA — Além de todos os males que traz sempre esse Monstro, é infalível a incorrecta linguagem dos telegramas e a chusma de estrangeirismos bélicos por eles divulgada. Entre estes lá reapareceu nalguns jornais a famosa *testa de ponte*, banida há muito do português escoreito. Há jornais que emendam para *cabeça de ponte* o galicismo das agências telegráficas. Mas outros não se ralam e imprimem nos títulos e no texto a condenada *testa* em vez de *cabeça*, abusando simultaneamente de iniciais sem pontos e de palavras mal formadas. Malefícios da Guerra e de certos jornalistas...

★ CONCERTOS POPULARES — A Câmara Municipal de Lisboa prossegue na sua brilhante Cruzada a favor da educação musical dos Portugueses, facultando-lhes bons concertos sinfónicos a preços populares. Nalguns programas, quase só entraram números estrangeiros, mas noutros houve apreciável participação de compositores nacionais, por expressa determinação do presidente do Município. É digna de francos louvores a lúcida e patriótica ordem do Sr. Tenente-Coronel Salvação Barreto e oxalá a mantenha e

faça cumprir com a doce energia que lhe é peculiar. Haverá, certamente, gralhas que se insurjam. Mas acima de tudo deve estar o justo engrandecimento daquilo que significa valorização do espírito português fora de verrinas e camarilhas.

★ ARTES GRÁFICAS — O Grémio dos Industriais Gráficos entregou ao Ministro da Economia documentada e minuciosa exposição sobre a crise que aflige as Artes Gráficas. São dignas de aturado exame todas as alegações ali feitas e decerto merecerão o estudo que tão importante assunto reclama. Por nossa parte, queremos apenas frizar, mais uma vez, que à frente de todas as reivindicações devem estar estes dois pontos essenciais: 1.º anulação das portarias que desorganizaram por completo o problema dos papéis, com o pretexto duma normalização que ninguém ainda viu; 2.º criação das escolas de artes gráficas em Lisboa, Porto e Coimbra.

★ FORTE DE S. JULIÃO — Já aqui nos referimos à grandiosa transformação que este Forte recebeu, após prolongados e pertinazes esforços do Sr. Santos Costa, ilustre Ministro da Defesa Nacional. Durante o mês de Agosto, foram as admiráveis instalações visitadas por personalidades de grande relevo, sendo unânime o aplauso caloroso a tudo quanto se reintegrou, descobriu e embelezou. Fora dos Palácios ou Monumentos reconstruídos, é agora o Forte de S. Julião o local mais apropriado para recebimento de convidados de honra e alta categoria.


★ NOTA DO FIM — O Relatório do Banco de Angola relativo a 1949 é um repositório magnífico de factos, que confirmam em absoluto as esperanças de quantos vêem na nossa maior Província ultramarina um segundo Brasil, a formar nalgumas dezenas de anos de trabalho persistente e fomento disciplinado. Por isso mesmo para ela se dirige a maior parte da nossa emigração e há 19 anos que regista, sem descontinuidade, saldos positivos na balança comercial. Os números relativos ao ano findo mostram que a Importação foi de 1.337.024 contos e a Exportação de 1.793.012 contos. Por sua vez, a Fazenda Pública continuou em regime de bom saldo, com 789.005 contos de receitas e despesas no valor de 522.496 contos. Apenas um problema grave continua a afligir Angola. É o da mão-de-obra indígena, que não deixa desenvolverem-se devidamente as empresas do colonato europeu. Procuram resolvê-lo os Governos locais dentro de suas possibilidades, mas o principal impulso tem que ser dado com o aumento progressivo da fixação de famílias brancas em toda a Província e com a modificação gradual do sistema de propriedade do indígena. Não é exagerado optimismo acreditar que uma e outra dessas medidas, já iniciadas com êxito, se activarão de ano para ano, a bem do Império e do vultuoso excesso demográfico que nos coloca hoje no 10.º lugar da densidade europeia.

ÁLVARO PINTO

NO PRÓXIMO NÚMERO CONTINUA A HOMENAGEM DE 'OCIDENTE'

À MEMÓRIA DO POETA GUERRA JUNQUEIRO.





Utilizando a melhor lã; ensaiando um finto tenaz e inalterável; dando ao fio a torção precisa, rigorosamente calculada; empregando debuxos inéditos e urdiduras modernas; operando tece-lagem cuidada e sem pressas; terminando, em fim, por um "acabamento" esmerado — e conservar, na fazenda, o aveludado e maciezo naturais daquele lã — os técnicos da NOBILIS superaram o existente.

O nome veio depois. Primeiro fizeram-se as provas práticas do tecido; organizou-se a empresa; assegurou-se a parte artística, dentro do moderno e do bom tom.

O achado feliz da marca deu ramate excelente ao es-crúpulo e à tenacidade: Havia deliciosa harmonia entre o nome NOBILIS e a qualidade do tecido: NOBILIS traduz elevação, nota-bilidade e valor, e par do majestoso, bizarro e sublime, segundo reze a origem latina da palavra.



TOSSE ?

BENZO-DIACOL

DRÁGEAS

GOTAS

XAROPE